



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ÁRIO DE ARARAQUARA ó UNIARA
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

Juliano Marcio Calderero

FORMAÇÃO DE REDES DE CAPITAL SOCIAL: O CASO DO
CENTRO DE VOLUNTARIADO DE RIO CLARO

Araraquara - SP
2007



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA ó UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

Juliano Marcio Calderero

FORMAÇÃO DE REDES DE CAPITAL SOCIAL: O CASO DO
CENTRO DE VOLUNTARIADO DE RIO CLARO

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara ó UNIARA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional de Meio Ambiente
Orientadora: Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante

Araraquara - SP
2007

FICHA CARTOGRÁFICA

C146f	Calderero, Juliano Marcio Formação de redes de capital social: o caso do centro de voluntariado de Rio Claro. Araraquara, 2007. 131p. Dissertação de Mestrado ó UNIARA ó Centro Universitário de Araraquara. Orientador: Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante 1. Capital Social. 2. Redes de Poder. 3. Rede Social. 4. Desenvolvimento Local. I. Título. II. Juliano Marcio Calderero. CDD 305.5
-------	--



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA ó UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

Juliano Marcio Calderero

FORMAÇÃO DE REDES DE CAPITAL SOCIAL: O CASO DO
CENTRO DE VOLUNTARIADO DE RIO CLARO

Orientadora: Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante

Aprovada em: 18 de dezembro de 2007.

EXAMINADORES

Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante ó Presidente

Prof. Dr. Luis Antonio Barone (UNESP)

Prof. Dr. Luis Manoel de Almeida (UNIARA)

Araraquara - SP
2007



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

A minha esposa Carmen pelo carinho,
dedicação, compreensão e incentivo para
que esse trabalho fosse concluído.



AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante pela sua capacidade de orientar, direcionar e buscar caminhos novos justamente quando eles pareciam não existir. A sua experiência e visão ajudaram-me a crescer e compreender o significado deste trabalho.

Aos participantes da Rede Social Rio Claro pela permissão e pela cooperação do trabalho em rede, fundamentais para este trabalho.

Ao Centro de Voluntariado de Rio Claro pelas informações e pelo exemplo de trabalho.

Ao Prof. Dr. Luis Manoel de Almeida pela fundamental importância e apoio na orientação e revisão dos materiais.

Ao Senac ó SP que proporcionou o desafio de trabalhar junto a uma rede social.

A minha esposa Carmen e aos meus filhos Mariana e Eduardo que compartilharam e conviveram com minhas angústias e felicidades, incentivaram e apoiaram o desenvolvimento do trabalho.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[*Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features*](#)



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

INSTITUTO DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

FORMAÇÃO DE REDES DE CAPITAL SOCIAL: O CASO DO CENTRO DE
VOLUNTARIADO DE RIO CLARO

RESUMO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
JULIANO MARCIO CALDERERO

A formação de redes de capital social tem se mostrado crescentemente como uma importante ferramenta de desenvolvimento local e ainda como alternativa de evolução social. No entanto, o desenvolvimento local está direta ou indiretamente condicionado ao capital social disponível, e desta forma, coloca-se a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as variáveis que influenciam e alteram a formação de capital social em redes de recursos de poder. O objetivo é identificar e analisar se há formação de capital social no processo de formação da Rede Social Rio Claro, tipificá-los e relacioná-los com os recursos de poder disponíveis. Com base no levantamento histórico do processo de formação da Rede Social Rio Claro é apresentada informações que expõe e descrevem uma forma de rede social, suas ramificações, seus laços e suas relações e, complementarmente, o estudo aprofundado de uma das organizações participantes como forma de demonstrar a evolução e a relação entre a participação em uma rede social e o desenvolvimento dos trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Voluntariado de Rio Claro. São apresentados um conjunto de indicadores que evidenciam o capital social disponível e também a sua cristalização.

Palavras-chave: capital social; redes de recursos de poder; rede social; desenvolvimento local

INSTITUTO DE ARARAQUARA 6 UNIARA
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

FORMATION OF NETS OF SOCIAL CAPITAL: THE CASE OF THE CENTER OF
VOLUNTARIADO OF RIO CLARO

ABSTRACT

MASTER DISSERTATION

JULIANO MARCIO CALDERERO

The formation of nets of social capital has if increasingly shown as an important tool of local development and still as alternative of social evolution. However, the local development is direct or indirectly conditioned to the available social capital, and this way, the need is put of deepening the knowledge on the variables that influence and they alter the formation of social capital in nets of resources of power. The objective is to identify and to analyze if there is capital formation of the Social Net Rio Claro, to typify them and to relate them with the available resources of power. With base in the historical rising of the process of formation of the Social Net Clear Rio is presented information that it exposes and they describe a form of social net, her ramifications, their bows and their relationships and, the deepened study of one of the participant organizations as form of demonstrating the evolution and the relationship among the participation in a social net and the development of the works developed by the Center of Voluntarieded of Rio Claro. They are presented a group of indicators that they evidence the available social capital and also her crystallization.

Keywords: social capital; nets of resources of power; social net; local development

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características da rede de poder (policy network)	27
Tabela 2 ó Tipos de capital social	32
Tabela 3 ó Tipos e dimensões de capital social	34
Tabela 4 ó Referencial de análise ó tipos de laços em redes	35
Tabela 5 ó Relação das organizações que participam da RSRC	45
Tabela 6 ó total de atividades consideradas no período de 2003-2005	72
Tabela 7 ó Quadro sintético das impressões e informações coletadas nas entrevistas	73
Tabela 8 ó Recursos de poder na RSRC	76
Tabela 9 ó Tipos de capital social na RSRC	81
Tabela 10 ó Quadro síntese da evolução do voluntariado no Brasil	81
Tabela 11 ó Síntese de atividades do CVRC	85
Tabela 12 ó Síntese de atividade do CVRC ó ações de responsabilidade social	86
Tabela 13 ó Síntese de atividade do CVRC ó apoio ao MAB	88
Tabela 14 ó Objetivos, Indicadores e recursos do projeto Trabalho em Rede Rende mais	90
Tabela 15 ó Necessidades das Organizações	91
Tabela 16 ó Oferta das organizações	92



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 ó Natureza da atuação das organizações que compõe a RSRC	48
Gráfico 2 ó Público ó alvo das organizações que compõe a RSRC	49
Gráfico 3 ó Volume de atendimentos por público-alvo	54
Gráfico 4 ó Áreas de atuação	94
Gráfico 5 ó Principais dificuldades apresentadas	94
Gráfico 6 ó Necessidades de capacitação mais solicitadas	95



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 ó participante do projeto Construindo Pontes	52
Ilustração 2 ó Grupo trabalhando	53
Ilustração 3 ó Crianças atendidas enquanto as mães participam do projeto	53
Ilustração 4 ó Representação gráfica das conexões de redes	57
Ilustração 5 ó Representação dos princípios de funcionamento da RSRC	59

LISTA DE SIGLAS

ACIRC	Associação Comercial e Industrial de Rio Claro
AMORG	Associação dos Moradores do Jardim Guanabara
CIESP	Confederação das Indústrias do Estado de São Paulo
CLIRC	Centro Literário de Rio Claro
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes
CONSEG	Conselho Municipal de Segurança
CVRC	Centro de Voluntariado de Rio Claro
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EMA	Encontro Municipal de Adolescentes
MAB	Movimento de Adolescentes Brasileiros
Multibrás	Razão social das marcas Brastemp e Cônsul
ONG	Organização não-governamental
OSCIIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PET	Programa de Educação para o Trabalho
RCS	Redes de Capital Social
RRP	Redes de Recursos de Poder
RSRC	Rede Social Rio Claro
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESI	Serviço Social da Indústria

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	12
LISTA DE SIGLAS	13
SUMÁRIO	14
APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	18
1. - SUPORTES TEÓRICOS PARA DISCUSSÃO DE CAPITAL SOCIAL E REDES	
REDES	25
1.1 ó Teoria Institucional	25
1.2 ó Redes de Recursos de Poder	30
1.3 ó Redes de Capital Social ó a ferramenta teórica complementar	34
1.4 ó Capital Social e Desenvolvimento	41
2. ó A REDE SOCIAL RIO CLARO: COMPOSIÇÃO E HISTÓRIA	48
2.1 ó Delimitação Histórica da Rede Social Rio Claro	48
2.2 ó O primeiro projeto social	56
3. ó CARACTERIZAÇÃO DA REDE E SEUS ATORES	62
3.1 ó Organização da rede	62
3.2 ó O Senac de Rio Claro e a relação com a rede social	64
3.3 ó Perfil de algumas organizações que participam da RSRC	66
3.3.1 ó Lar Espírita Esperidião Prado	66
3.3.2 ó Casa das Crianças	69
3.3.3 ó CLIRC ó Centro Literário de Rio Claro	71
3.3.4 ó Instituto Consulado da Mulher	72
3.3.5 ó Centro de Voluntariado de Rio Claro	74
3.4 ó Relação entre os atores da rede e sua centralidade	76
3.5 ó Análise complementar com base em Woolcock	83
4. ó CENTRO DE VOLUNTARIADO: HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO	86

ção do CVRC	86
4.2 ó Projeto Trabalhar em Rede Rende Mais ó um divisor de águas na atuação do voluntariado	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS	112

APRESENTAÇÃO

O primeiro contato intencional que tive com uma rede social, foi no ano de 2002, quando assisti uma apresentação de trabalhos desenvolvidos por crianças na cidade de Bebedouro ó SP. Nunca imaginara que pouco tempo depois estaria tendo uma relação com esse assunto de forma intensa e transformadora de minha visão e entendimento da realidade social.

Minha relação com a rede social Rio Claro começou em dezembro de 2004, quando comecei a trabalhar na unidade do Senac da cidade de Rio Claro. Até então, não sabia o que era e tão pouco como ela funcionava.

Desde o início fiquei interessado em conhecer e interagir com o grupo, primeiro por um questão ligada ao trabalho, afinal, gerenciar os resultados do trabalho da rede faziam parte de minhas atribuições funcionais, e também porque sempre tive um interesse pessoal por assuntos relacionados a desenvolvimento social.

As dificuldades crescentes encontradas pelo grupo e a minha falta de preparo para lidar com um assunto complexo, como este, me levaram a escolhe-lo como base de estudos para o curso de mestrado, recém iniciado, o que imaginei, poderiam auxiliar em duas dimensões, facilitaria a minha questão profissional e também auxiliaria na pesquisa, afinal havia plenas condições de acesso a materiais e informações.

As duas premissas se mostram, com o tempo, verdadeiras. Hoje, passados três anos, percebo que o estudo do tema de forma conceitual e acadêmica contribuiu para uma melhor condição de trabalho, sem a pretensão de afirmar que ajudou no desenvolvimento da rede social, mas certamente facilitando meu relacionamento e a compreensão de um conjunto de situações vividas ao longo das atividades. O mesmo ocorreu com a pesquisa, pois obtive acesso há um conjunto de informações de forma privilegiada sendo que em muitos casos havia participado da õconstruçãoõ do que estava sendo estudado.

No entanto, a maior de todas as dificuldades esteve comigo o tempo todo, e somente agora, consigo perceber o quanto influenciou e interferiu no desenvolvimento da pesquisa, que foi encontrar uma posição para atuar como pesquisador e não como funcionário do Senac, o que tenho feito nos últimos 12 anos. Além de uma pesquisa

mento em um estudo de caso, utilizamos a observação participante, para enriquecer e auxiliar na condução das linhas gerais de estudo, para conduzir a apresentação e análise crítica dos resultados, e justamente isto, que nos permitiu uma riqueza no detalhamento e na percepção de detalhes da rede social que não estão nos registros, se mostrou o maior de todos os obstáculos, pois a facilidade de acesso ao objeto de estudo gerava um nível de envolvimento com os temas que dificultavam um distanciamento e a visão crítica para aceitar e entender limites e outras possibilidades de atuação.

Ainda assim, o estudo que está apresentado a seguir, mesmo com as dificuldades relatadas, foi elaborado com a cautela necessária para não permitir que meu vínculo com o Senac, impeça ou limite o olhar, em uma perspectiva crítica, construtiva e acadêmica.

INTRODUÇÃO

O tema formação de redes de capital social vem ganhando destaque crescente em diferentes estudos relacionados a novas alternativas de desenvolvimento e evolução de diversas localidades.

Conforme destaca Higgins, o conceito de capital social vem sendo cada vez mais associado as agendas de desenvolvimento , pois ãentorno institucional, redes sociais e compromisso cívico formam, na nova perspectiva, um conjunto de fatores-chave para sustentabilidade dos programas de desenvolvimento. Economistas, cientistas políticos e formuladores de políticas públicas têm tarefa de explorar ao máximo a sociabilidade como um antídoto contra o individualismo, a ineficiência burocrática, a corrupção e os custos de transação.ö (HIGGINS, 2005, p. 22).

Capital social e redes de recursos de poder estão inseridas dentro do contexto da teoria institucional. O ãnovoö institucionalismo histórico constitui-se como principal referencial teórico deste estudo, tendo a teoria de redes de recursos de poder como abordagem metodológica utilizada para entendimento das redes sociais e o conceito de capital social, como apoio e referencial complementar da análise dos resultados.

As redes marcam forte presença nas estruturas de mercado, pois ão capitalismo atual as estruturas dos mercados em redes de recursos de poder são mais perceptíveis. Primeiro, porque o próprio capital é definido como um conjunto de recursos ou poderes efetivamente utilizáveis, cuja distribuição social é necessariamente desigual e dependente da capacidade de apropriação de diferentes grupos ou organizações, e segundo porque emerge uma sociedade com base em organizações coletivas (associações de representação de interesses, sindicatos, grupos de pressão, etcö (PAULILLO, 2003, p.3).

No capítulo 1, há uma base teórica de sustentação, que trata da teoria institucional, pois as teorias sobre instituições e formação institucional apresentam uma primeira vertente teórica que auxilia na explicitação da importância e apresenta variáveis que estão relacionadas às organizações. Conceitualmente ãas instituições geram e se refletem em comportamentos, o que pode ser considerado um elemento essencial de um amplo tipo de regularidade dos comportamentos, ou ainda de algum

que gera esta regularidade.ö (ABRAMOVAY, 2001, p. 167).

Além da teoria institucional, o conceito de redes de recursos de poder e suas implicações estão diretamente relacionados a esta pesquisa, uma vez que a Rede Social Rio Claro, atua como uma rede de recursos de poder. Conforme destaca Paulillo ãos mercados são estruturados em redes de poder. A dinâmica de um mercado é definida a partir de conexões complexas entre organizações distintas e dependentes de recursos de poder. As organizações podem ser lucrativas ou não-lucrativas. E os recursos de poder (financeiros, tecnológicos, organizacionais, políticos, jurídicos e constitucionais) são desejados pelas organizações com o objetivo de colher melhores resultados e evitar uma possível dependência de outros atoresö. (PAULILLO, 2001, p. 3).

Recursos de poder correspondem ao controle de cada ator sobre os recursos constitucionais, jurídicos, financeiros, organizacionais, tecnológicos, simbólicos, de informação e sociais, seja o controle direto, pela interação com outros atores, ou seja, ela ajuda de políticas estatais e não-estatais. São muitos os fatores que podem apontar esses recursos, como a redução dos custos de produção e transação, a concentração industrial, o montante de ajudas e subsídios concedidos, o volume de produção agrícola controlado pelas empresas, o tamanho e a produtividade das explorações agrícolas, o controle do mercado externo e do mercado interno, a legitimidade de cada ator na rede, o capital social de cada ator, etc.

As Redes de Capital Social aparecem como uma variável de redes de recursos de poder e para isto, tem-se que entender e explorar o conceito de capital social. O conceito de capital social vem sendo há muito tempo discutido por cientistas sociais como Pierre Bourdieu e James Coleman que na década de 80, definiram o capital social como um estudo que visa entender como indivíduos inseridos em uma rede de relações sociais podem se beneficiar de sua posição ou gerar externalidades positivas para outros agentes.

O capital social é criado o tempo todo por pessoas que estão cuidando de suas vidas diárias. É criado em sociedades tradicionais ou não, e gerado diariamente por indivíduos e organizações numa sociedade capitalista moderna. Na verdade, o capital social torna-se mais importante à medida que a tecnologia avança, as organizações

ciais e redes substituem hierarquias como maneiras para estruturar negócios. (FUKUYAMA, 2002).

Para complementar há uma recorrente associação do conceito de capital social com a noção de desenvolvimento, tanto em um aspecto global, quanto local. A expressão desenvolvimento territorial, ou local, é recente e tem origem nas últimas décadas, em função da multiplicação de ONGs que criaram uma estratégia de ação local, em oposição aos impactos dos processos globalizantes e da mudança referente aos processos de descentralização em curso que valorizaram o local. (NAVARRO, 2001).

O termo desenvolvimento regional, segundo Moura (2002), destaca que nos anos 70 ressurgiu a perspectiva historicista que enfatiza o território, resgatando o papel da história e das tradições e os modos diferenciados de desenvolvimento. Ele retoma elementos da linha historicista e observa que a perspectiva do desenvolvimento territorial pressupõe, não só conhecer recursos e potencialidades humanas do território, como também, buscar interferir no sistema, no sentido de favorecer o desenvolvimento deste. A construção de um sistema local autônomo e mais integrado nas redes globais é parte da estratégia de desenvolvimento e colocam o Estado e os agentes econômicos como atores fundamentais do desenvolvimento, reforçando a dimensão territorial e incluindo os atores sociais, como, por exemplo, os movimentos populares, além de incorporar as dimensões política, cultural e social. O território aparece com certa autonomia, mas articulado globalmente.

Neste contexto conceitual a pesquisa foi desenvolvida com base em variáveis que estão diretamente relacionadas à formação de redes, recursos de poder e capital social. A análise de redes sociais apresenta o desafio de compreender o seu impacto sobre a vida social. A metodologia de análise que têm como base as relações entre os indivíduos, em uma estrutura em forma de redes. As redes são sistemas compostos por nós e conexões que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações etc.) conectados por algum tipo de relação. De forma genérica, pode-se estudar o sistema visando apenas a entender como ele se comporta e como as conexões influenciam esse comportamento, com aplicações na área de saúde pública (estudos epidemiológicos), de tecnologia da informação (a mesma ideia para os

ologia (os movimentos sociais), economia (mercados e economias de rede) e matemática aplicada (otimização de algoritmos).

Desde o início do século XX, existe a idéia que as relações sociais compõem um tecido que condiciona a ação dos indivíduos. A metáfora do tecido ou rede, inicialmente na sociologia e depois na psicologia e antropologia, para associar o comportamento individual à estrutura à qual ele pertence, transforma-se em uma metodologia denominada sociometria, cujo instrumento de análise apresenta-se na forma de um sociograma, isto é, diagramas de redes que permitem a visualização da estrutura que está sendo estudada, porém com claros limites e ferramentas de análise.

Os sociólogos, os principais utilizadores dessa técnica, estudavam grupos pequenos, em geral não formalizados. Como em análises desse tipo o número de conexões possíveis cresce exponencialmente com o aumento no número de indivíduos estudados (o número de conexões entre n indivíduos é $n(n-1)/2$), e não havia instrumentos, ferramentas e métodos automatizados para análise de redes, o tamanho dos grupos estudados era, necessariamente, reduzido. Assim, o método para o estudo sistemático das redes é bastante recente, datando dos anos 40, quando as relações passaram a ser representadas na forma matricial (matrizes com n linhas e colunas, sendo n o número de indivíduos, cujas células eram preenchidas com 0 e 1, representando a ausência ou presença de relação entre dois indivíduos quaisquer), beneficiando-se da base matemática da álgebra linear. Nos anos 70, desenvolveram-se as análises mais sofisticadas e de maior porte, com o aumento da capacidade dos computadores e o desenvolvimento de softwares adequados para tratamento de grandes bases de dados e sua análise na forma de redes. Assim, o intervalo de tempo transcorrido entre a definição teórica e conceitual da importância das redes para compreender a sociedade e o instrumental de análise que facilitasse e disseminasse os estudos empíricos, nas diversas áreas do conhecimento envolvidas, foi relativamente curto e beneficiou-se dos avanços tecnológicos na computação, no desenvolvimento de softwares e na matemática aplicada.

Existe uma discussão epistemológica em torno da análise de redes sociais. Para muitos autores trata-se de uma metodologia de análise de dados relacionais que permite a captação de diversos fenômenos sociais que se deseja estudar, segundo a teorização de uma área de conhecimento específica; para outros, trata-se de um novo paradigma de

e FORSÉ, 1994, que utilizam o termo ãinteracionismo estruturalö). Para outros, é uma tentativa de se introduzir um nível intermediário entre os enfoques micro e o macro na análise da realidade social, ou entre o indivíduo e a estrutura, nas principais correntes da sociologia (MARTELETO, 2001). De qualquer forma, há uma linguagem comum e métodos de coleta e análise de dados que podem ser utilizados em vários modelos teóricos.

Vários autores destacam a importância das relações sociais dos indivíduos como um elemento-chave para a compreensão da sociedade, como, por exemplo, Norbert Elias. Sua visão foi construída a partir da crítica ao que ele denominou ãas duas formas radicais da sociologiaö, que ora privilegiam o indivíduo, ora a estrutura. Seu trabalho foi se desenvolvendo a partir da década de 1930, quando publicou o texto denominado ãA sociedade dos indivíduosö, criticando tanto o conceito de indivíduo (ser humano singular como se fora uma entidade vivendo em completo isolamento) quanto o de sociedade, muitas vezes entendida ou como um simples somatório de indivíduos ou como um objeto que existe para além dos indivíduos e que não é passível de maiores explicações. Daí o conceito de ãsociedade dos indivíduosö, duas palavras que correntemente não são usadas dessa forma, para justificar a necessidade intelectual de entender o relacionamento entre o indivíduo e a sociedade. Assim: ãO que nos falta.[...] são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível no pensamento aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como aqueles formam uma sociedade e como sucede essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõemö. (ELIAS, 1994, p.16).

O todo é diferente das partes que o compõem, e as leis que governa o todo não podem ser compreendidas a partir de análise dos seus elementos isolados. Para que haja verdadeira compreensão dos fenômenos sociais, é necessário que se rompa com o antagonismo dos dois conceitos ou das duas interpretações.

As pessoas vivem em redes de dependência, difíceis de serem rompidas. Essas redes são diferentes em cada sociedade. O modo como o indivíduo se comporta é

es passadas ou atuais com as outras pessoas. E a interdependência das funções humanas sujeita e molda, de forma profunda, o indivíduo.

Assim, a pesquisa teve como ponto de partida os registros de funcionamento da Rede Social, com base nos registros das atas das reuniões. Para complementar o levantamento de atividades, foi feita uma pesquisa exploratória junto às organizações que participam ativamente das atividades da rede. Este critério foi escolhido, tendo como base a presença nas reuniões mensais e também o auxílio aos projetos, pois o que se pretende explorar é a relação entre a participação em uma rede, seu significado, e principalmente, se há alteração perceptível em sua atuação, proveniente da ação da rede. Para complementar a análise, foi escolhida uma organização que possui uma característica peculiar, cuja proposta de ação está diretamente relacionado à formação de capital social e também a que possui maior expressividade em termos de atendimento ao público de todas as organizações participantes, que é o Centro de Voluntariado de Rio Claro. Também foi feito um acompanhamento da concepção e desenvolvimento do primeiro projeto social da rede, o qual também foi descrito, além da realização de duas entrevistas, feitas na forma de depoimento de duas pessoas envolvidas com o projeto, uma na condição de voluntária e outra na condição de participantes.

Para o encadeamento e análise dos dados, foi utilizada a técnica de pesquisa de observação participante, no qual o pesquisador se insere no objeto de pesquisa e a partir disso estabelece uma relação crítica entre a pesquisa e a sua vivência junto ao objeto. Isto ocorreu em função do pesquisador atuar profissionalmente junto ao Senac de Rio Claro, que ocupa o papel de centralidade na Rede Social Rio Claro.

O capítulo 2 apresenta uma caracterização e análise histórica do seu processo de formação da Rede Social Rio Claro, apresentando com detalhes, o primeiro projeto social desenvolvido pela rede.

No capítulo 3, há uma detalhada caracterização da rede e de seus atores, que foi feita com base em um levantamento cadastral e também em entrevistas abertas, guiadas pelos aspectos descritos no capítulo 1, como fatores determinantes para formação de redes, recursos de poder e capital social.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

um estudo de caso do Centro de Voluntariado de Rio Claro, com um histórico e caracterização de formas de trabalho e principais resultados obtidos em sua atuação em uma relação com a participação em uma rede social.

E para finalizar, são apresentadas considerações sobre os resultados da pesquisa, seus limites e possibilidades complementares de continuidade de estudos.

ARTES TEÓRICOS PARA DISCUSSÃO DE CAPITAL SOCIAL E REDES

A abordagem de capital social e redes de recursos de poder estão inseridas nesse estudo dentro do contexto da teoria institucional. O *neoinstitucionalismo* histórico constitui-se como principal referencial teórico deste estudo, tendo a teoria de redes de recursos de poder como abordagem metodológica utilizada para entendimento das redes sociais e o conceito de capital social, como apoio e referencial complementar da análise dos resultados.

1.1 - Teoria Institucional

As teorias sobre instituições e formação institucional apresentam uma primeira vertente teórica de sustentação, que auxilia na explicitação da importância e de variáveis que estão relacionadas à criação de organizações.

Um primeiro e abrangente conceito de instituição a descreve como *as* instituições geram e se refletem em comportamentos, o que pode ser considerado um elemento essencial de um amplo tipo de regularidade dos comportamentos, ou ainda de algum tipo de estrutura subjacente que gera esta regularidade. (ABRAMOVAY, 2001, p. 167).

Nesta linha há uma convergência entre um grande número de autores ao afirmar que instituições são *uma* regularidade no comportamento que especifica ações em situações particulares recorrentes. (LANGLOIS, 1986b, p.17).

Em uma abordagem mais elaborada, podemos considerar que, estabelece que *uma* instituição é uma regularidade de comportamento ou uma regra que tem aceitação geral pelos membros de um grupo social, que especifica comportamentos em situações específicas; e que se auto-polícia ou é policiada por uma autoridade externa. (RUTHERFORD, 1994, p. 182).

Uma instituição deve ser entendida *como* uma organização social que, mediante a operação de tradições, costumes ou restrições legais, tende a criar padrões de comportamento duráveis e rotineiros. É esta uma ciência social com alguma aplicação prática. (HODGSON, 1988, p. 10). A ênfase dada por este autor está nas

ntos que excluem condutas deliberadas e racionais, tendo como base a indicação de que as instituições definem e induzem os comportamentos dos seus participantes.

É possível identificar nestes autores um consenso em apontar que essas regularidades podem ter um caráter social, pois de forma recorrente, eles descrevem traços comportamentais individuais, mas que não são suficientes para caracterizá-los como instituição, já que estes se diferenciam por estarem baseadas em crenças e expectativas mútuas mantidas pelas pessoas ao agir.

As regras de comportamento devem ter õaceitação geral pelos membros de um grupo socialõ complementa a definição sobre instituições de Dosi, segundo o qual pode ser entendida como õtradição sociológica, (...) conjuntos particulares de normas que são socialmente compartilhadas, socialmente impostas (enforced) em diferentes graus e tendem a se reproduzir inercialmente através do tempoõ. (RUTHERFORD,1991b, p. 354).

As regularidades comportamentais, também caracterizam as instituições como um õtipo de infra-estrutura que facilita ó ou impede ó a coordenação entre as pessoas e a alocação de recursos. As instituições funcionam então como um tipo de contexto de racionalidade, que emerge das interações humanas e simultaneamente as governa (...) Assim, as instituições não apenas definem e delimitam o conjunto de ações disponíveis para os indivíduos; elas simultaneamente são moldadas pelos indivíduos e tornam suas interações possíveisõ. (SJÖSTRAND,1995, p.19). Com isto é evidenciado o seu papel em direcionar e coordenar interações entre os agentes.

Quando utilizamos o conceito de instituição tendo como premissa de que esta pode estabelecer as õregras do jogoõ, indicamos que õa maior função das regras do jogo é reduzir o custo das interações humanas ao tornar os comportamentos mais previsíveis. Para cumprir esse objetivo, as instituições devem ser críveis e estáveisõ. (PEJOVICH 1995, p. 36-37). As instituições funcionam como õarranjos legais, administrativos e de costumes para interações humanas repetidasõ, e õsua maior função é aumentar a previsibilidade do comportamento humanoõ. (NORTH, 1991, p.30).

O mesmo vale para instituições sociais, pois as õinstituições sociais (...) reduzem a incerteza no sistema ao tornar as ações dos agentes mais previsíveis e ao estabilizar suas expectativas quanto a que estratégias os outros agentes podem escolherõ

também destaca que as rotinas e normas possuem funcionalidade em termos de coordenação, na medida em que ajudam agentes a estimar as ações potenciais de outros e, deste modo, apesar da incerteza, complexidade e sobrecarga de informações, há um comportamento regular e previsível. (HODGSON, 1988, p. 132- 133). Desta forma, os autores afirmam que nas organizações sociais o comportamento dos indivíduos é influenciado pelas normas de funcionalidade das organizações sociais.

Com as abordagens descritas, temos um contexto que nos permite utilizar a definição de Pondé, para o qual instituições são regularidades de comportamento, social e historicamente construídas, que moldam e ordenam as interações entre indivíduos e grupos de indivíduos, produzindo padrões relativamente estáveis e determinados na operação do sistema. (PONDÉ, 2005)

Com base nessa definição o autor relaciona cinco aspectos em que destaca a necessidade de observar um conjunto de variáveis que auxiliam o entendimento e aplicação.

O primeiro a ser observado está relacionado ao fato de que a definição não envolve só regularidades, mas também os mecanismos que a geram, sejam essas normas coercitivas, valores morais, incentivos, costumes, hábitos, estruturas cognitivas, etc. (PONDÉ, 2005, p. 10). O segundo aspecto trata a noção de regra de comportamento, que oferece uma caracterização sumária e útil das instituições, desde que utilizada em um sentido amplo, se referindo não apenas a condutas nas quais os agentes efetivamente seguem regras discerníveis, como também as ações cujas regularidades podem ser descritas por uma ou mais regras, embora estas últimas não sejam elementos concretamente especificados nos processos mentais ou organizacionais que produzem os padrões comportamentais observados. Assim, habilidades ou capacitações tácitas que geram uma regularidade nas condutas podem ser descritas por um conjunto de regras, embora os indivíduos em questão não estejam conscientemente seguindo-as. (PONDÉ, 2005, p. 11).

O terceiro aspecto está relacionado à amplitude do conceito, os quais estão incluídos na definição tanto as instituições ditas formais quanto as informais. As primeiras são aquelas que estão explicitadas em regras escritas, cuja implementação está garantida por um aparato organizacional específico, incluindo a constituição do

propriedade, os contratos, as várias legislações específicas, etc.; as segundas são as que existem sob a forma de valores, códigos de conduta e padrões éticos que caracterizam uma comunidade (NORTH, 1991). O quarto aspecto destaca que as instituições não devem ser tomadas apenas como mecanismos que estabelecem restrições ao livre comportamento de indivíduos ou grupos, já que elas moldam as ações e decisões também ao influenciar as percepções que os agentes possuem da realidade, bem como suas metas ou objetivos (HODGSON, 1988, p. 133; DEQUECH, 1988, p. 47). O quinto e último aspecto está relacionado ao papel das instituições em gerar ordem e estabilidade nos processos sociais, contendo mecanismos de coordenação que tornam viável que uma economia funcione movida pela divisão do trabalho e cooperação, dado que tornam os comportamentos mais previsíveis, sinalizam para os agentes os comportamentos apropriados e estabelecem canais de interação entre eles. (PONDÉ, 2005, p. 13).

Essa caracterização de Pondé, sobre os aspectos que devem ser ponderados para a utilização do conceito de instituição, constitui um guia para análise, uma vez que o objeto desta pesquisa busca estabelecer uma relação entre, a articulação na forma de rede de várias instituições, e o desenvolvimento e formação de capital social por elas produzido. Quando o autor cita que os mecanismos da instituição geram regularidades de comportamento, que esses comportamentos são *definidos* por regras que acabam por caracterizar as instituições e que estas são capazes de moldar e direcionar as ações dos indivíduos que participam das instituições estabelece um conjunto inicial de aspectos que serão observados *in loco*.

No entanto, a teoria institucional, em uma nova abordagem, oferece um referencial, cuja abordagem é complementar ao conceito apresentado. A teoria neo-institucional *coloca* as instituições, a organização e as representações mentais e não unidades autônomas, atomizadas, independentes e soberanas, no centro da própria sociabilidade humana (ABRAMOVAY, 2002, p.167), e complementa, afirmando que a importância das instituições se traduz na própria visão do mercado como instituição e não como espaço neutro de encontro de compradores e vendedores.

Di Maggio e Powell (1990), ao apresentarem o novo institucionalismo como perspectiva de *contraposição* ao velho, descreve o velho como *vinculado* à perspectiva da ação, com foco em dinâmicas, mudança, construção social e valores; e, em

culado à escola estruturalista, com foco na estabilidade, em resultados, na dominação e continuidade do ambiente. (MISOCZKY, 2001, p.157).

A nova abordagem institucionalista õparte da premissa de que comprar, vender, estabelecer contratos e exigir o seu cumprimento, em suma as transações de que depende a vida material da sociedade são fundamentais na determinação dos custos de uma economia. A diminuição desses custos pressupõe que as condutas humanas sejam estabilizadas e minimamente previsíveis: as instituições cumprem o papel de reduzir a incerteza e por aí incentivar o avanço das ações humanas coordenadasõ (ABRAMOVAY, 2002, p.168). A coordenação de ações humanas a que se refere ABRAMOVAY pode ser relacionada com os aspectos citados por Pondé, em que as instituições estabelecem regularidades de comportamento dos indivíduos que a compõe.

Ainda segundo Abramovay, a reflexão principal que está condicionada ao institucionalismo está no õpensamento sociológico, pois se pode atenuar, mas não há como superar e abolir a intransparência básica que constitui o mundo socialõ (ABRAMOVAY, 2002, p.168). Segundo North, a õmotivação dos autores é mais complicada (e suas preferências menos estáveis) do que o assumem as teorias recebidasõ (NORTH, 1990-1994, p.17, apud ABRAMOVAY 2002, p.168). No entanto, essa falta de clareza pode ser contrabalançada pelas instituições, que oferecem aos indivíduos um horizonte previsível para a maneira como agirão os outros.

A importância está no fato de que a nova abordagem da teoria institucional permite uma mudança institucional. A base dessa relação de mudança, segundo Abramovay está na õrelação entre organizações e o ambiente institucional, pois de um lado as organizações são moldadas pelo ambiente institucional e, por outro, elas respondem pela transformação desse ambiente. Não se trata de um círculo vicioso, pois há duas forças que moldam o caminho da mudança institucional e que está em franca ruptura com os cânones do pensamento neoclássico, retornos crescentes e mercados imperfeitos.õ...õa idéia básica é que as escolhas técnicas (tanto quanto os conceitos científicos) não dependem apenas de eficiência, mas de uma vasta rede social que envolve aprendizagem de um conjunto variado de atores e um processo permanente de adaptação, de tal forma que não se pode prever, ou explicar em termos puramente funcionais, que tecnologia vão prevalecer.õ (ABRAMOVAY, 2002, p.173).

evolutivo do institucionalismo ãexige igualmente uma dimensão indutiva típica das ciências da vida, da história e da sociologia. Existe uma proximidade de método entre a perspectiva institucional e a biologia da evolução, e em ambos os casos o que se resgata é a dimensão do tempo nos processos explicativos. (ABRAMOVAY, 2002, p. 174), uma vez que essa teoria contribui de forma incisiva para esclarecer o modo de funcionamento das mais diferentes instituições.

1.2 - Redes de Recursos de Poder

O conceito de redes de recursos de poder e suas implicações estão diretamente relacionados a esta pesquisa, uma vez que a Rede Social Rio Claro, atua claramente como uma rede de recursos de poder, o que se constitui como o problema desta pesquisa. Segundo Paulillo, ãos mercados são estruturados em redes de poder. Isto é, a dinâmica de um mercado é definida a partir de conexões complexas entre organizações distintas e dependentes de recursos de poder. As organizações podem ser lucrativas ou não-lucrativas. E os recursos de poder (financeiros, tecnológicos, organizacionais, políticos, jurídicos e constitucionais) são desejados pelas organizações com o objetivo de colher melhores resultados e evitar uma possível dependência de outros atores. (PAULILLO, 2001, p. 3).

Segundo Foucault (1989) não existe uma teoria geral do poder, pois o poder aparece de diferentes formas no curso da história. Este ressalta que poder em si não existe, senão como prática, como relação, como um exercício, de tal forma, não aparece a ninguém e não está em lugar algum, mas em toda estrutura social, o que significa que seu caráter relacional implica que as lutas de resistência ou busca de recursos somente podem ser desenvolvidas no interior das redes de poder.

Para Paulillo (2001), a habilidade estratégica é determinante para o uso de recursos de poder, e dependendo do seu uso facilitará a formação de redes pouco estruturadas e hierarquizadas. Constituem-se, assim como redes frouxas e difusas, que são menos institucionalizadas e integradas. Isso ocorre com mais frequência quando a relação entre os integrantes não é formalizada, no caso das redes sociais. Nesse caso, a coordenação das redes se baseia em mecanismos informais, caracterizados pela ausência de contratos ou por contratos formais que apenas especificam serviços, mas não se referem à organização do relacionamento entre empresas, o que pode ser

As organizações que compõem a rede social Rio Claro. Ações e atividades informais podem ser representadas por cooperações sociais ou acordos de serviços e caracterizam o tipo de redes sociais, as quais não são regidas por nenhum tipo de contrato formal, o que novamente pode ser observado na rede em questão, pois não há nenhum tipo de vínculo formal entre os participantes.

Recursos de poder correspondem ao controle de cada ator sobre os recursos constitucionais, jurídicos, financeiros, organizacionais, tecnológicos, simbólicos, de informação e sociais, seja o controle direto, pela interação com outros atores, ou seja, ela ajuda de políticas estatais e não-estatais. São muitos os fatores que podem apontar esses recursos, como a redução dos custos de produção e transação, a concentração industrial, o montante de ajudas e subsídios concedidos, o volume de produção agrícola controlado pelas empresas, o tamanho e a produtividade das explorações agrícolas, o controle do mercado externo e do mercado interno, a legitimidade de cada ator na rede, o capital social de cada ator, etc.

“A interação estratégica é desigual porque os recursos de poder geralmente são distribuídos de forma desigual entre os membros da rede. E a representação de interesses também é desigual, principalmente em economias de forte heterogeneidade estrutural como a brasileira. A intensidade de poder de negociação ou de barganha de cada ator começa a se definir a partir de certas características individuais, como a reputação, a informação, habilidades de negociar etc. Entretanto, as conexões de cada rede também influenciam a desigualdade de poder entre atores, através de regra, da centralidade, intensidade e velocidade das operações. As características dos membros e das conexões revelam interdependência que se estabelece, pautadas em busca de recursos de poder e na representação de interesses.” (PAULILLO, 2001, p.5).

A tabela a seguir apresenta a sistematização da relação entre as características dos membros de uma rede e os seus tipos de conexões, organizada utilizada por PAULILLO (2001). Esta tabela será utilizada na caracterização da Rede Social Rio Claro, no capítulo 2.

e de poder (*Policy Network*).

Características dos membros	Característica das conexões
1. conhecimento / informação	1. Regras
2. Legitimidade	2. Centralidade
3. Reputação	3. Intensidade
4. Cooperação	4. Velocidade
5. Habilidade direta e indireta para mudanças	5. Formalidade/Informalidade

Fonte: PAULILLO, 2001.

Há uma relação de interdependência entre as conexões e seus membros, tendo como foco a busca de recursos de poder (constitucionais, jurídicos, econômicos, políticos, organizacionais, tecnológicos, sociais e simbólicos) e a representação de interesses. No aspecto conhecimento ou informação, a interdependência aparece na capacidade cognitiva de cada ator, seus critérios, modo de apreciação e rotinas setoriais a que se submete, proporcionam uma forma de inserção específica na rede. Essa inserção tem um efeito nos demais atores, que reagem ativamente. No aspecto legitimidade, a interdependência é revelada porque há um reconhecimento manifesto no interior da rede de que as ações de uma organização ou grupo de interesse são autênticas.

A reputação dos membros (individual ou coletivo), determinada pelos recursos de poder conquistados, pela concessão estatal de status público e a chancela dos demais atores privados de suas capacidades de representação e de aglutinação. As habilidades diretas dos membros decorrem de suas especialidades, como o controle de gestão e a integração vertical. As habilidades indiretas decorrem de algo que não foi desenvolvido especificamente pelo ator, embora não o impeça de aproveitar (externalidades positivas, condições naturais etc.), tanto as habilidades diretas como as indiretas influenciam as interações em rede.

O poder de um membro é dependente dos recursos de poder de outros membros e do tipo de relação que eles possuem. De maneira similar, as características das conexões entre os segmentos da rede também revelam a interdependência, porque influenciam a distribuição dos recursos de poder e as formas de representação dos interesses. O conjunto de regras e de normas atua de modo decisivo na formação do

da rede e, conseqüentemente, influencia os graus de centralização das operações (elevada ou baixa) e de envolvimento dos atores (poucos ou muitos). Essas operações podem ocorrer com maior ou menor intensidade.

As conexões podem ser formais, (em contratos ou em integração vertical) ou informais (em cooperação social e em serviços acordados), o que permite definir a natureza da rede da qual está se tratando. (PAULILLO, 2002).

Os recursos constitucionais são representados pelas regras e normas, sendo que estas, quando legitimadas, determinam formas de adaptação dos atores e de mudança na própria estrutura de governança das redes. (PAULILLO, 2002).

Os recursos políticos podem aparecer sob a forma de *status* público atribuído pelo Estado ou sociedade, como forma de poder de representação e de poder de aglutinação dos atores coletivos. O poder de representação relaciona-se com a reputação dos atores, pois quanto mais um ator dispõe de um conceito positivo perante os demais integrantes de uma rede, mais terá poderes para a representação. Dessa forma, cria-se uma relação de dependência do poder de representação em relação à legitimidade obtida por meio da atribuição do status público (extra-rede), assim como da reputação, dada pelo reconhecimento dos demais atores da rede.

Com base no poder de representação atingido pelo ator, fica estabelecida sua participação nos arranjos formados na rede. Já o poder de aglutinação de um ator é determinado por sua capacidade de reunir os membros da cadeia. Haverá o reconhecimento desse poder quando o ator, seja ele coletivo ou individual, tiver êxito na aglutinação de todos ou de grande parte dos membros potenciais. Para isso deve-se considerar o volume de associados, em relação à totalidade potencial, à dispersão dos interesses desses membros, à dispersão territorial, à frequência dos atores nas reuniões e assembléias, assim como no referente ao apoio ou ao reconhecimento dos elementos participantes da conduta e dos procedimentos tomados. (PAULILLO, 2002).

Os recursos financeiros consistem em financiamento adequado, em incentivos fiscais, em subsídios, em comissões sobre escalas de produção, em cotas promocionais, entre outros.

Os recursos tecnológicos correspondem a conhecimentos a adquiridos, tecnologias de gerenciamento, de informação, e a processos e matérias-primas específicas etc.

cionais são referentes à infra-estrutura institucional (institutos de pesquisas, centros de treinamento, agências de *marketing*), a informações compartilhadas e propagadas, a parcerias, a consórcios, a informações ocultadas, à proximidade de fornecedores, à terceirização, à subcontratação, à utilização da marca etc.

Os recursos simbólicos são baseados no conhecimento e no reconhecimento, como a imagem (*goodwill investment*), a fidelidade à marca (*brand loyalty*), etc.; esse tipo de poder funciona como uma forma de crédito, sustentada pela confiança ou pela crença naqueles que estão dispostos a atribuir créditos.

Os recursos sociais são referente ao capital social dos atores que representam a organizações participantes da rede social, neste caso a Rede Social Rio Claro. Essas redes devem estar norteadas por elementos do capital social (reputação, fidelidade, reciprocidade, etc.), que serão utilizados como suporte metodológico para o estudo de caso do Centro de Voluntariado de Rio Claro.

1.3 ó Redes de Capital Social ó a ferramenta teórica complementar

O conceito de capital social vem sendo há muito tempo discutido por cientistas sociais das mais diversas áreas.

Os sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman, na década de 80, destacaram capital social como um tópico específico de estudo buscando entender como indivíduos inseridos em uma rede de relações sociais podem se beneficiar de sua posição ou gerar externalidades positivas para outros agentes. Desde então, o conceito vem sofrendo diversas interpretações, ajustes, em função da aplicação específica à qual é utilizado.

O capital social não é como às vezes está descrito, um raro tesouro cultural transmitido de uma geração à outra, algo que, caso seja perdido, nunca poderá ser recuperado. Ao contrário, ele é criado o tempo todo por pessoas que estão cuidando de suas vidas diárias. Ele era criado em sociedades tradicionais e gerado diariamente por indivíduos e organizações numa sociedade capitalista moderna. Na verdade, o capital social torna-se mais importante à medida que a tecnologia avança, as organizações achatam suas estruturas gerenciais e redes substituem hierarquias como maneiras para estruturar negócios. (FUKUYAMA, 2002).

social como o grau de confiança existente entre os diversos atores sociais, seu grau de associativismo e o acatamento às normas de comportamento cívico, tais como o pagamento de impostos e os cuidados com que são tratados os espaços públicos e os bens comuns (PUTNAM, 1984). No entanto as suas conclusões indicaram para uma visão que os principais fatores relacionados ao capital social estão ligados a questões hereditárias ou institucionalizadas.

O sociólogo econômico Granovetter (1985), forjou o termo *embeddedness*, sem uma tradução direta para o português, que tem como sentido a noção de que indivíduos são *encaixados* em uma extensa rede de relacionamentos interpessoais. Desta forma quando há a análise de transação econômica entre indivíduos, esta não pode ser divorciada do contexto social no qual a transação está inserida. Ainda segundo ele, um indivíduo pode preferir transacionar com parceiros conhecidos ou com reputação estabelecida do que confiar em arranjos contratuais. Desta forma a confiança passa a ser uma fonte de capital social que afeta os custos de transação entre os agentes econômicos.

O capital social é importante para determinados setores e certas formas de produção complexa precisamente porque as trocas baseadas em normas informais podem evitar os custos de transação internas das grandes organizações hierárquicas, sejam elas públicas ou privadas. A necessidade de trocas informais e baseadas em normas torna-se mais importante, na medida em que bens e serviços tornam-se mais complexos, difíceis de avaliar e diferenciados, e que as redes irão se tornar mais importantes no mundo tecnológico do futuro. (FUKUYAMA, 2002).

O conceito de capital social vem sendo cada vez mais associado às agendas de desenvolvimento, pois *o* entorno institucional, redes sociais e compromisso cívico formam, na nova perspectiva, um conjunto de fatores-chave para sustentabilidade dos programas de desenvolvimento. Economistas, cientistas políticos e formuladores de políticas públicas têm tarefa de explorar ao máximo a sociabilidade como um antídoto contra o individualismo, a ineficiência burocrática, a corrupção e os custos de transação. (HIGGINS, 2005, p. 22-23).

Ainda segundo ele, *o* capital social foi incorporado como quinto fator de produção junto aos três fatores tradicionais, terra, trabalho e capital físico (ferramentas tecnologia), somados ao capital humano (educação e saúde). Para os divulgadores deste

os não vão muito longe se as pessoas não são capazes de compartilhar seus recursos e destrezas num espírito de cooperação e compromisso com os objetivos comunsö (HIGGINS, 2005, p. 23), o que está diretamente relacionado com a proposta de trabalho da Rede Social Rio Claro.

A maior parte das pesquisas identificadas na área de capital social tem como foco de estudo a estrutura formal dos laços ou relações que formam uma rede social ou então, no conteúdo de tais laços. Ou seja, as fontes de capital social seriam estruturais ou relacionais.

Desta forma, os conteúdos das relações interpessoais podem explicar as motivações e as habilidades necessárias para a formação de capital social. Neste aspecto, os estudos de Granovetter auxiliam muito o entendimento da formação de capital social, pois ele trabalha a qualificação da natureza dos laços sociais.

Para ele òum laço forte entre dois indivíduos envolve uma elevada dose de tempo e esforço dedicados à relação, feição emocional, confiança e reciprocidade. Logo, é um relacionamento que se molda e auto-reforça ao longo do tempo. Um laço fraco é exatamente o oposto desta situação, envolvendo transações pontuais entre agentes, onde a identidade dos indivíduos tem menor importância e questões como confiança e reciprocidade são mínimasö (GRANOVETTER, 1985, p. 482). A sua contribuição fundamental foi mostrar que òlaços que têm maior probabilidade de gerar informações novas, e, portanto gerar valor ao relacionamento, são laços fracos. Isto porque, ao longo do tempo, laços fortes perdem sua funcionalidade: se os mesmos indivíduos transacionarem por tempo prolongado, pode ocorrer uma òossificaçãoö do relacionamento, sendo que questões pessoais se sobrepõem a questões de eficiência e a possibilidade de inovação é cada vez menorö. (GRANOVETTER, 1985, p. 482-483).

Higgins observa que vários autores, desde Bourdieu, evidenciam que há uma intrínseca relação entre o capital social e os tipos de laços dos indivíduos que o compõem. Segundo Bourdieu òa noção de capital social se impõe como único meio de designar o princípio de efeitos sociais que ainda que possam ser captados de forma clara no nível dos agentes singulares ó onde se situa inevitavelmente a pesquisa estatística ó não se deixam reduzir ao conjunto de propriedades individuais que possuem um agente determinado: estes efeitos (...) são particularmente visíveis em todos os casos onde diferentes indivíduos obtêm um rendimento demasiado desigual de

) quase equivalente segundo o grau em que eles podem mobilizar por procuração o capital de um grupo (família, antigos alunos de escolas de elite, clube seletivo, nobreza, etc.), mais ou menos constituído como tal, e mais ou menos munido de capital (BOURDIEU, 1980, p.2, apud HIGGINS, 2005, p.30). Ele complementa, tendo como entendimento de capital social o agregado de recursos atuais e potenciais, vinculados à posse de uma rede duradoura de relações de familiaridade ou reconhecimento mais ou menos institucionalizadas. (BOURDIEU, 1980, p.2, apud HIGGINS, 2005, p. 30).

O capital social está relacionado a uma capacidade instalada originária de grupos de relacionamentos. Este entendimento é destacado por Higgins o qual entende que este ativo impessoal oferece vantagens aos indivíduos, famílias ou grupos que estão melhor relacionados. Esta compreensão, diga-se desde já é diferente daquelas sustentadas por intelectuais norte-americanos como Robert Putnam, James Coleman e Francis Fukuyama (HIGGINS, 2005, p. 31).

Higgins apresenta diferentes tipos de capital social, conforme a tabela abaixo:

Tabela 2 ó Tipos de Capital social

CAPITAL FÍSICO	Tangível	Mensurável	Estável, ainda que sua degradação pode ser medida.
CAPITAL HUMANO	Menos tangível que o capital físico.	Mensurável	Bastante estável, ainda que pode se degradar.
CAPITAL SOCIAL	Intangível de forma direta, mas presente nas relações sociais.	Funcional, mas levanta o problema de como pode ser medido.	Depende de um contexto específico.

Fonte: elaboração a partir de COLEMAN (1988) e HIGGINS (2005)

s destaca que,

o capital social é entendido em termos funcionais, isto é, consiste em todos aqueles elementos de uma estrutura social que cumprem a função de servir como recursos para que atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses. Dentro das estruturas sociais há pelo menos três grupos de elementos com essa funcionalidade: em primeiro lugar as obrigações, expectativas e lealdades, em segundo lugar os canais de informações e em terceiro as normas e sanções estabelecidas. As obrigações podem contar com diferentes graus de reciprocidade, levando em conta o tempo e o motivo: como quando uma pessoa A faz algo para outra B e confia que B dê um retorno do favor no futuro, ou quando entre amigos A empresta o carro para B, e B o devolve com o tanque de gasolina cheio, ou quando num senso de colegalidade A lê os escritos de B e vice-versa. Do anterior, infere-se que a reciprocidade possui duas dimensões: a lealdade do entorno social, que significa que as obrigações serão retornadas, e o estado atual de obrigações. Neste sentido, as estruturas sociais diferem em ambas as dimensões, enquanto os atores, dentro de uma mesma estrutura, se diferenciam na segunda dimensão. Por sua parte, os canais de informação reduzem custos através de pessoas que têm informação pertinente e a compartilham com a rede social (HIGGINS, 2005, p.33).

A visão utilitarista está presente nos conceitos de Coleman, e que, com base na tabela acima, um dos maiores desafios do capital social está na sua mensuração. Há consenso entre os autores que ele não pode ser medido da mesma forma que outros tipos de capital e que a sua mensuração é relativa. Com objetivo de esclarecer e tipificar o capital social, Woolcock, elaborou um quadro para análise e tipificação de capital social.

Capital social

	Enraizamento	Autonomia
Capital social institucional (linking social capital)	SINERGIA Sinergia entre as instituições, ações cooperativas e diálogo entre Instituições (incluso Estado) e a sociedade.	CREDIBILIDADE EFICÁCIA INSTITUCIONAL
Capital social extra-comunitário (bridging social capital)	CONEXÃO Laços fracos, participação dos indivíduos em rede sociais extra-comunitárias	Compromisso cívico com os indivíduos
Capital social comunitário (bonding social capital)	INTEGRAÇÃO Laços fortes intracomunitários, identidade e projetos comuns	Compromisso cívico dos indivíduos

Fonte: baseado em WOOLCOCK (1998, p. 165).

Ele reflete várias possibilidades analíticas sobre os tipos de capital social que, atualmente, são aceitos pela maior parte da literatura. O critério de diferenciação baseia-se na posição social dos atores sociais envolvidos na formação do capital social (CASTILHOS, 2002).

O capital social institucional refere-se às ligações verticais entre os cidadãos e pessoas em postos de decisão em organizações formais. Comunidades que possuem esse tipo de capital em abundância têm governos permeáveis às demandas provenientes dos estratos inferiores da pirâmide social. (MONASTÉRIO, 2000).

O capital social extra-comunitário refere-se a laços entre os atores de grupos sociais distintos. São relações sociais que perpassam as fronteiras sociais, nos quais as virtudes cívicas se mostram mesmo entre pessoas com distintas situações demográficas, étnicas ou ocupacionais. As informações sobre o comportamento de outros agentes e oportunidades disponíveis fluem através desse tipo de capital social. Quando o capital social extra-comunitário é abundante, tem-se uma sociedade fluida e integrada. (MONASTÉRIO, 2000).

Capital comunitário envolve vínculos entre agentes da mesma posição social, são grupos homogêneos, nos quais as identidades dos membros são reforçadas. Esse tipo de capital social cria um ambiente de lealdade e reciprocidade entre membros, sendo útil, especialmente, para resolução de problemas de ação coletiva e para o apoio mútuo. (MONASTÉRIO, 2000).

Esses aspectos serão utilizados como parâmetros básicos para análise e busca de evidências de cristalização de capital social junto ao Centro de Voluntariado de Rio Claro.

Outro parâmetro de análise que será utilizado terá como base os estudos de Polanyi, para o qual a ideia de que a economia, em sentido substantivo, é um processo instituído de interação entre o ser humano e seu entorno natural e social. É a institucionalidade a que lhe confere unidade e estabilidade através de uma estrutura com funções definidas na sociedade. (HIGGINS, 2005, p. 35).

O quadro abaixo traz um referencial para análise que será utilizado para tipificar e explicar o funcionamento da Rede Social Rio Claro.

Tabela 4 ó Referencial de análise- tipos de laços em redes

	Conceito	Exemplo
RECIPROCIDADE	Simetria Consiste em movimentos entre pontos correlativos de grupos que são simétricos	Acontece em grupos humanos onde o sistema de parentesco fixa obrigações de socorro mútuo. Nas sociedades modernas ficam marcas da reciprocidade quando o direito civil obriga, de forma mútua, pais e filhos a socorrer-se com alimentos.
REDISTRIBUIÇÃO	Centralidade Designa movimentos apropriativos em direção a um centro e para fora dele de novo.	Em sociedades de caçadores nômades, onde existe uma divisão social do trabalho de caça, quem mata a presa está obrigado a reparti-la. Nas sociedades complexas, ocorre

		quando o Estado obriga os agentes privados a pagarem tributos para logo situá-los onde as necessidades coletivas demandem.
INTERCÂMBIO	Mercado Consistem em movimentos de toma lá, dá cá, entre mãos diferentes num sistema de mercado.	Acontece no comércio, onde de forma relativamente pacífica se podem adquirir bens que não se encontram disponíveis na localidade imediata. O meio indireto de intercâmbio é o dinheiro.

Fonte: elaborado a partir de HIGGINS, 2005.

Como pano de fundo dessa análise está a ideia de que a sociabilidade pode melhorar o desempenho das atividades econômicas lucrativas em populações carentes e vulneráveis. (HIGGINS, 2005, p. 37), ou seja, nas diferentes dimensões, intercâmbio, redistribuição ou reciprocidade, há formas de melhora de desempenho e de incremento de capital social.

1.4 - Capital Social e Desenvolvimento

É recorrente a associação do conceito de capital social, destacado pelos autores acima, com a noção de desenvolvimento, tanto em um aspecto global, quanto local. A expressão desenvolvimento territorial, ou local, é recente e tem origem nas últimas décadas, em função da multiplicação de ONGs que criaram uma estratégia de ação local, em oposição aos impactos dos processos globalizantes e da mudança referente aos processos de descentralização em curso que valorizaram o local. (NAVARRO, 2001).

O termo desenvolvimento regional, segundo Moura (2002), destaca que nos anos 70 ressurgiu a perspectiva historicista que enfatiza o território, resgatando o papel da história e das tradições e os modos diferenciados de desenvolvimento. Ele retoma elementos da linha historicista e observa que a perspectiva do desenvolvimento

conhecer recursos e potencialidades humanas do território, como também, buscar interferir no sistema, no sentido de favorecer o desenvolvimento deste. O autor concluiu que a construção de um sistema local autônomo e mais integrado nas redes globais é parte da estratégia de desenvolvimento e colocam o Estado e os agentes econômicos como atores fundamentais do desenvolvimento. Ele reforça a dimensão territorial e inclui atores sociais, como, por exemplo, os movimentos populares. Segundo ele, incorporando as dimensões política, cultural e social, o território aparece com certa autonomia, mas articulado globalmente.

De acordo com Moura (2002), há duas abordagens básicas que representam visões e práticas diferenciadas, levando em conta experiências e debates ocorridos em países de capitalismo avançado. A primeira, denominada de elitista, estaria associada ao pragmatismo, próprio dos agentes econômicos e dirigentes políticos locais. Na segunda, denominada de social, o objetivo do desenvolvimento não seria tanto promover a localidade enquanto um negócio rentável, mas, atender as necessidades sociais, pelo alargamento da democracia local em direção à dimensão econômica. Aqui se situam, por exemplo, programas de aumento de empregos, de combate à fome ou à pobreza e os de reinserção social de segmentos marginalizados e/ou de trabalhadores pouco qualificados.

Moura (1997) estabelece uma relação direta com o tema desta pesquisa, quando destaca três pontos importantes do atual debate sobre desenvolvimento regional. Primeiro, as iniciativas econômicas locais, que têm servido de referência ao debate, têm caráter muito distintos, atingindo desde setores à margem das grandes empresas capitalistas, passando por segmentos sociais pauperizados, até atividades econômicas de ponta articuladas localmente. Segundo, a ênfase dada à sociedade civil, aos governos locais, às redes sociais e aos agentes econômicos em suas diferentes escalas e tipos. Por último, ela diz que as direções adotadas pelas práticas e idéias que estão postas parecem apontar para projetos de desenvolvimento mais ou menos diferentes em relação àqueles até então hegemônicos.

Com relação a isto, Barquero (2002) afirma que é preciso que os governos locais tomem iniciativas para enfrentar o problema do desemprego, através de novas estratégias de desenvolvimento, contribuindo para a reestruturação dos sistemas

o aumento dos postos de trabalho e para a melhoria da qualidade de vida.

De acordo com Paiva (2000), o conhecimento da realidade local mostra a importância da dimensão micro do ordenamento sócio-econômico, ambiental e cultural em nível territorial. Desse modo, a dinâmica territorial pode ser visualizada desde a menor escala, como um subsistema, até as interações com sistemas mais abrangentes, em termos de território. No estudo do desenvolvimento territorial é necessário pensar o território como um sistema, que sofre influência de variáveis internas (participação e as condições ambientais, sociais, econômicas e culturais) e interage com sistemas territoriais de maior escala. Sob o ponto de vista econômico, as ações devem ter como objetivo a implantação e gerenciamento de projetos potencializadores da economia regional (PAIVA, 2002).

Com base na moderna teoria do desenvolvimento regional endógeno, tem-se estudado a importância da sociedade, das relações sociais e da capacidade de cooperação de seus atores, para o processo de desenvolvimento de uma região. E ainda, a sociedade civil, através da solidariedade, integração social e cooperação local, podem ser consideradas o principal agente de modernização e transformação sócio-econômica numa região (SOUZA FILHO, 2002).

A relação entre o conceito de capital social e o conceito de desenvolvimento, é claramente destacada por Castilhos. Este conceito procura dar mais significado à presença e à qualidade das relações sociais para o desencadeamento do processo de desenvolvimento. Capital social significa relações sociais não institucionalizadas, na forma de normas ou de redes sociais. Estas relações sociais são institucionalizadas porque representam acúmulos de práticas sociais culturalmente incorporadas na história das relações de grupos, comunidades ou classes sociais. (CASTILHOS, 2001).

Com isso pode-se ligar de forma direta o conceito de desenvolvimento territorial está às características da organização social e das relações cívicas encontradas na região, conforme destacado por Putnam (2000). Segundo ele, na Itália contemporânea, a comunidade cívica está estritamente ligada aos níveis de desenvolvimento social e econômico (PUTNAM, 2000, p. 162). O autor justifica esta sua conclusão, utilizando, como exemplo, a evolução, nos oito últimos séculos, de duas regiões italianas: Emilia-romagna e Calábria. A primeira se destaca pela grande participação política e

período, tornou-se uma das mais prósperas regiões da Europa, e a segunda, que inicialmente até apresentava alguns indicadores de desenvolvimento melhores que a primeira, tornou-se uma das regiões mais atrasadas da Itália. O autor concluiu que o capital social, segundo o seu conceito, foi um fator determinante nas disparidades de desenvolvimento sócio-econômico encontradas atualmente entre as duas regiões.

Ainda segundo Putnam (2000), capital social é o conjunto de características da organização social, onde se inclui as redes de relações, normas de comportamento, valores, confiança, obrigações e canais de informação. O capital social, quando existente em uma região, torna possível a tomada de ações colaborativas, que resultam em benefício para toda a comunidade. Ele conclui ainda, a partir de evidências históricas, que fatores sócio-culturais, como tradições cívicas, capital social e cooperação têm papel decisivo na explicação das diferenças regionais. Onde há tradição comunitária, a recorrência de compras e vendas e de trocas de informações faz nascer relações de fidelidade entre clientes e fornecedores.

Se, por um lado, o trabalho feito por Putnam foi fundamental para destacar a importância do capital social, nas estratégias do desenvolvimento, por outro, a sua concepção de capital social se restringe a uma compreensão determinista sob o ponto de vista histórico e cultural. Ele atribui papel central ao capital social na determinação dos níveis de desenvolvimento sócio-econômico e argumentam que a presença de capital social em uma dada população é determinada historicamente pelas práticas culturais, acumuladas por esta mesma população. Em sua concepção teórica de capital social, não é possível que se crie ou se forme capital social em locais onde estes estejam ausentes. Na sua visão, o capital social é determinado, exclusivamente, pela disponibilidade de atributos culturais (precursores do capital social) que existem em determinada sociedade (CASTILHOS, 2001).

No entanto existem outros autores que entendem que as redes sociais são capazes de gerar capital social, pois, conforme destaca Castilhos, os sistemas sociais não são influenciados somente por questões culturais, mas, também e principalmente, por componentes sociais, onde os agentes sociais podem promover mudanças e apresentar alternativas de rotas no processo de desenvolvimento ou nas escolhas feitas. Tais modificações ou rupturas podem provocar alterações nas relações sociais,

ção de novos códigos culturais e práticas sociais que promovam a formação de capital social (CASTILHOS, 2001). Além disto, há o argumento de que o Estado cumpre uma função importante para a formação de capital social, com vários estudos, principalmente no campo do neo-institucionalismo, demonstrando a importância do Estado, para o desempenho da função coercitiva ou protetora das relações sociais geradoras de capital social (CASTILHOS, 2001).

Segundo Castilhos (2001), as formulações teóricas de Woolcock permitiram que a noção de capital social fosse ampliada para diferentes tipos e dimensões, permitindo assim incorporar uma nova visão multidimensional e dinâmica em seu conceito. Isto vai muito além da concepção determinista e estática, presente em Putnam (2000) e em outros autores sobre o tema. De acordo com Woolcock (1999), são três os tipos de capital social mais citados na literatura internacional. Estes tipos se diferenciam, conforme a posição das relações sociais, a saber: (1) capital social institucional é o que descreve as relações sociais existentes entre a sociedade civil e o Estado. Neste caso, enquadra-se a integração dos diferentes órgãos de governo, com a sociedade, na realização de ações conjuntas; (2) capital social extra-comunitário são as relações sociais geradoras de capital, que determinada comunidade estabelece com grupos sociais e econômicos externos. Este tipo de capital social é importante, porque permite que os indivíduos estabeleçam relações sociais que permitam as trocas (relações de mercado) e o acesso às informações (conhecimento) externas; (3) capital social comunitário é aquele que corresponde às relações sociais comunitárias dos indivíduos. Refere-se à capacidade que estes possuem, para gerar relações sociais, baseadas em reciprocidade e confiança dentro de suas comunidades, além do potencial organizativo que estas mesmas comunidades possuem.

Conforme o mesmo autor, o capital social possui duas dimensões. Uma delas, que é essencial para a indução de capital social, é a dimensão de enraizamento, integração ou inserção dos indivíduos, nas relações sociais. Esta dimensão está presente nos três tipos de capital social citados acima. A segunda dimensão do capital social - a autonomia - refere-se à postura dos agentes sociais em relação à reciprocidade e à confiança. A dimensão de autonomia do capital social institucional é medida pela eficiência, integridade e independência dos governantes e dos funcionários públicos, durante o exercício da gestão pública do Estado. Já no capital social

Porém, esta mesma dimensão se refere à capacidade cívica que possuem os indivíduos, quando estabelecem relações sociais formadoras de capital social. A dimensão da autonomia - dos governantes, funcionários públicos e sociedade civil - varia, conforme a capacidade destas agirem, mais pelos interesses coletivos e públicos e menos pelos seus interesses individuais. Dessa forma, a noção teórica de capital social permite várias possibilidades de investigação das causas da indução ou formação (ou não) de capital social, onde os tipos e dimensões deste são interdependentes e possuem um carácter dinâmico.

Assim, o conceito de capital social poderá então se tornar um importante instrumento teórico para o estudo das dinâmicas do desenvolvimento territorial ou regional e por isso será considerado como uma abordagem complementar para o estudo de redes sociais.

A importância da valorização do local também aparece como aspecto fundamental para o desenvolvimento, pois no local é onde convivem as organizações comunitárias, as empresas e as redes de infra-estrutura. Isso exige o desenvolvimento de instituições democráticas, representativas, transparentes e competentes, que possibilitem o planejamento com a participação da população.

Para que isso funcione são necessárias articulações entre governos, instituições locais e a sociedade, ou seja, as redes, que se apresentam como necessárias para viabilizar a organização popular, da negociação e de alianças, que são mecanismos democráticos e geradores de oportunidades para o envolvimento das pessoas na vida social, econômica e política local. Eles são formas concretas de poder, para que a população local possa atuar na defesa de seus interesses e na intervenção direta na tomada de decisões, possibilitando a proposição e o controle das políticas públicas. Por isso, espera-se que o Estado tenha sua atuação direcionada para aquelas atividades que levem em conta as capacidades e as potencialidades locais, a partir de políticas de coordenação e promoção das iniciativas sociais. (MORAES, 2001, p. 130)



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

es de Moraes temos evidências da relação entre desenvolvimento, à formação de redes como instrumento de ação social e o capital social como possibilidade de formação e desenvolvimento, focos desta pesquisa.

HISTÓRIA

2.1 ó Delimitação Histórica da Rede Social Rio Claro

A Rede Social Rio Claro foi organizada a partir de um trabalho de sensibilização, feito pelo Senac de Rio Claro há um conjunto de organizações sociais da cidade, com o propósito de aprimorar e desenvolver as organizações e melhorar o trabalho de assistência oferecido por essas organizações à população por elas atendidas, através da organização de uma rede social.

Esta atividade foi proposta em Rio Claro em função da decisão do Senac- SP de iniciar um trabalho de responsabilidade social, com o foco no desenvolvimento de organizações sociais¹.

O Projeto Rede Social surgiu de uma visão institucional e da experiência de aplicação do conceito de organização em rede, baseado na experiência do Centro de Educação Comunitária para o Trabalho do Senac ó SP, em trabalhar com projetos sociais junto a comunidades carentes, especialmente na periferia de São Paulo, capital, localizada no entorno de algumas de suas unidades educacionais. Essa ação indicou a organização de uma rede com base em atores sociais locais, que poderiam ser identificados, organizados e desenvolvidos em igualdade de condições, utilizando como referencial a concepção de autonomia e soberania para decidir sobre as formas de atuar e de defender causas comunitárias identificadas em determinadas localidade. O trabalho é desenvolvido de forma simples, as organizações se articulam e combinam ações, que são organizadas em forma de projetos que atendem as necessidades de cada uma delas.

Foi utilizado como uma alternativa estratégica de ação para o atendimento de públicos que normalmente não possuem acesso aos programas do Senac e também uma resposta institucional, no sentido de colaborar com o desenvolvimento social das localidades em que atua.

Na visão do Senac (responsável pela centralidade) a rede é desenvolvida com o objetivo de reunir e organizar pessoas e instituições de forma igualitária e democrática,

¹ Entende-se por organizações sociais todo tipo de organização que pode ser enquadrada dentro dos critérios estabelecidos pela lei 9.790/99 ó que define o que são as OSCIP ó Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que procura regular a relação entre o Estado e a Sociedade Civil no Brasil.

promissos em torno de interesses comuns, fortalecendo atores sociais na defesa de suas causas, na implementação de seus projetos e na promoção da melhoria da qualidade de vida de suas comunidades, por meio de um conjunto de ações educacionais e organizacionais oriundas do levantamento de carências e prioridades locais e da capacidade institucional de oferecer subsídios. A organização dos trabalhos utiliza princípios de igualdade, horizontalidade, cooperação, integração, democratização da informação, respeito às diversidades sociais e transparência, para organizar e conduzir projeto de melhorias da comunidade em que funciona a rede.

Os primeiros grupos foram montados em São Paulo, capital no ano de 2000, sendo que a partir de 2002 foi estendido ao interior do Estado, tendo a cidade de Rio Claro como uma das primeiras a iniciar os trabalhos, que conforme os registros² tiveram início de 2003, sendo que o período de estudos desta pesquisa é vai de 2003 a 2007.

Para sensibilização do grupo inicial de organizações, foi organizado um conjunto de palestras, com temas relacionados ao terceiro setor e responsabilidade social.

As atividades se iniciaram por um ciclo de palestras, denominadas, Fóruns Permanentes do Terceiro Setor, com início em agosto de 2002, onde mensalmente havia um encontro de interessados para discutir temas pontuais relacionados ao Terceiro Setor. Os principais temas discutidos foram: O Terceiro Setor e o desafio de estabelecer parcerias, O que é Voluntariado?, Terceiro Setor ó desafios para sua consolidação, Terceiro Setor e Organização em Rede, Elaboração de Projetos Sociais ó desafios e perspectivas, Parcerias entre primeiro, segundo e terceiro setores, Legitimidade do Terceiro Setor, O desafio da conceituação, Gestão Estratégica no Terceiro Setor, OSCIP ó lei e implicações, e Capitação de Recursos para Projetos Sociais (dimensão de conhecimento).

Essas ações oportunizaram as organizações a participação, conhecimento e debate com especialistas sobre os temas. Isto foi feito até o final de 2003, quando foi possível perceber que já havia um número significativo de organizações que freqüentavam os fóruns seguidamente, e já apresentavam disposição e interesse em

² Foram utilizadas como registros as atas das reuniões, elaboradas em função dos encontros entre as organizações que compõe a rede.

em além de assistir palestras ou discutir temas e problemas (dimensão de confiança). Neste contexto surgiu à proposta de organização da Rede Social Rio Claro, que em fevereiro de 2004 teve seu início.

A seguir, segue a tabela de organizações que participam da Rede Social Rio Claro.

Tabela 5 ó relação de organizações que participam da rede social Rio Claro

ORGANIZAÇÃO	ATIVIDADES	PÚBLICO	ATENDIMENTO
Abrigo Velhice S. Vicente de Paulo	Assistência Social	Terceira Idade, crianças e portadores de deficiência.	150 pessoas
Associação dos Portadores de HIV/AIDS	Assistência Social, Saúde e Defesa de Direitos	Portadores de todas as idades	100 pessoas
Associação John Dewey do Brasil	Cultura	Adultos com ênfase para terceira idades	110 pessoas
ABECA ó Associação Beneficente Educacional Conhecer Aprendendo	Educação	Adolescentes e adultos	1000 pessoas
Projeto Cedo ó Centro Educacional Dom Orione	Educação, saúde, cultura e assistência social	Crianças e adolescentes	45 pessoas
Art Cultura ó Associação dos Artesãos de Rio Claro e região	Cultura e assistência social	Mulher	50 pessoas
AMORG ó Associação dos Moradores do Jardim Guanabara	Saúde, cultura, educação, habitação, defesa dos direitos e assistência social	Todos os moradores	1200 pessoas (moradores)
Associação Colméia Azul	Geração de Renda	Mulher	120 pessoas
Associação de Amparo a Vida ó Posto Samaritano	Valorização da vida	Todos os públicos	440 pessoas
AMOCC ó Associação dos Moradores Campo do Cocho	Educação, Defesa dos Direitos e meio ambiente	Adulto, crianças e adolescentes	60 pessoas
Associação Lute pela vida	Assistência social	Criança e adolescente	50 pessoas
Associação de Pais e Empresários e Amigos da Criança José Maria	Educação, saúde e assistência social	Mulher, portadores de deficiência, crianças e adolescentes	40 pessoas

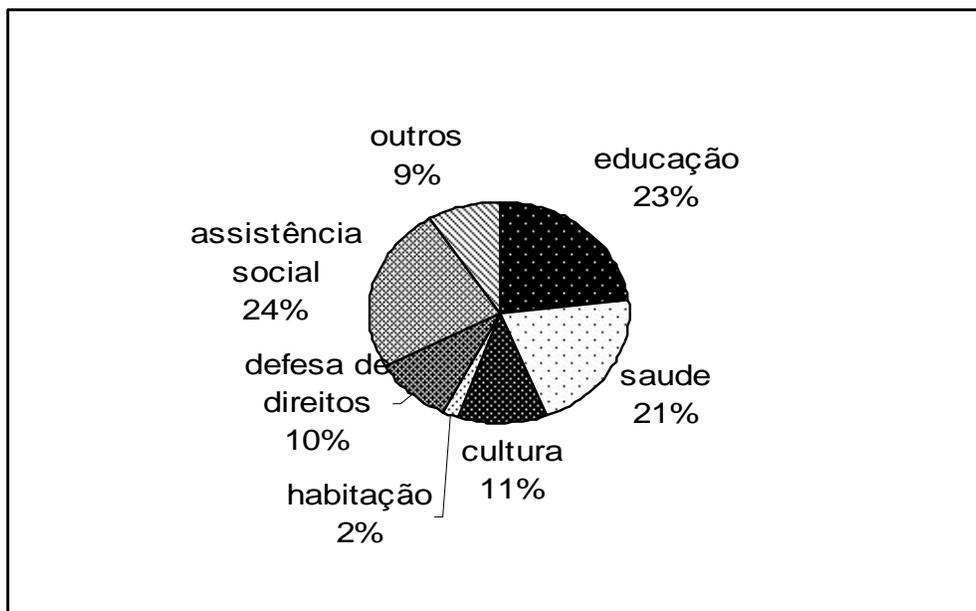
Agroceres ó Comitê de funcionários voluntários	Educação, saúde e assistência social	Todos os públicos	10 pessoas
Associação dos Deficientes Visuais de Rio Claro	Educação, assistência social e geração de renda	Portadores de deficiências	20 pessoas
APAE Rio Claro	Assistência social	Portadores de deficiências	320 pessoas
Associação vida nova	Assistência social	Adultos	900 pessoas
Centro de Equoterapia do clube de Cavaleiros Prof. Victorino Machado	Saúde	Criança e adolescentes	46 pessoas
CMDCA ó Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescentes de Rio Claro	Defesa de direitos e assistência social	Criança e adolescentes	240 pessoas
Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Material Reaproveitável de Rio Claro - Cooperviva	Educação, assistência social e meio ambiente.	Adulto, terceira idade, mulher, grupos étnicos, portadores de deficiências	250 pessoas
Conselho da Condição Feminina de Rio Claro	Educação, saúde, cultura, habitação, defesa de direitos e assistência social	Criança, adolescente e mulher	Não soube informar
Casa dos Espíritas	Educação e saúde	Crianças e adolescentes e portadores de deficiências mentais leves	100 pessoas
Centro de Ressocialização Feminino de Rio Claro	Ressocialização de internos	Adultos	120 pessoas
Instituto Consulado da Mulher de Rio Claro	Educação, saúde, cultura, defesa de direitos	Mulher	800 pessoas
Centro Literário de Rio Claro	Cultura	Mulher	90 pessoas
Centro de Voluntariado de Rio Claro	Educação, saúde, cultura e assistência social	Adultos, crianças e adolescentes	10.000 pessoas

Sociedade Beneficente São João da Escócia	assistência social	o, saúde, cultura e Crianças, adolescentes e família dos atendidos	125 pessoas, mais os familiares
Comitê Gestor Municipal do Programa Bolsa Família	Educação, saúde e assistência social	Criança, adolescente, adulto, terceira idade, mulher e portadores de deficiência	4100 pessoas
Defesa Civil de Rio Claro	Defesa de direitos, assistência social e emergências	Todos os públicos	160 pessoas
Instituto Nossa Senhora da Assunção	Educação e assistência Social	Mulher e população de baixa renda	70 pessoas
Instituto Paulista Adventista e Educação e Assistência Social ó projeto PAI	Educação e assistência Social	Crianças e adolescentes	160 pessoas
Instituto Pró - cidadania	Educação e cultura	Portadores de deficiências	150 pessoas
Instituto Estrela da Esperança	Educação	Portadores de deficiências	55 pessoas - aprendizes
SORIDEMA ó Sociedade Rioclarense de Defesa do Meio Ambiente	Defesa de direitos e meio ambiente	Todos os públicos	50 pessoas
Igreja do Evangelho Quadrangular ó Cruzada Nacional pela Evangelização	Educação, saúde e defesa de direitos	Criança, adolescente, adulto, mulher e terceira idade	600 pessoas
Instituição Beneficente Educacional ó Nosso Lar	Educação e assistência Social	Criança e adolescente	45 pessoas
Lar Espírita Esperidião Prado	Assistência social	Criança, adolescente e mulher	40 pessoas
Pastoral da Criança	Saúde	Crianças e mulheres gestantes	78 famílias
SESI ó Rio Claro	Educação	Industriários e suas famílias	8000 pessoas

Fonte ó formulário de cadastro de organizações, atualizado em setembro de 2006. Valores de atendimento mensais.

uma breve caracterização das organizações que participam da Rede Social Rio Claro. O número de organizações e principalmente a sua capacidade de atendimento, exprimem a dimensão que a rede alcançou no ano de 2007 (momento da última atualização cadastral). As organizações juntas atenderam mais de 29.984 pessoas por mês em diferentes tipos de atendimento e orientação. O gráfico abaixo apresenta as organizações classificadas em função da sua natureza de atividades.

Gráfico 1 ó natureza de atuação das organizações que compõe a RSRC



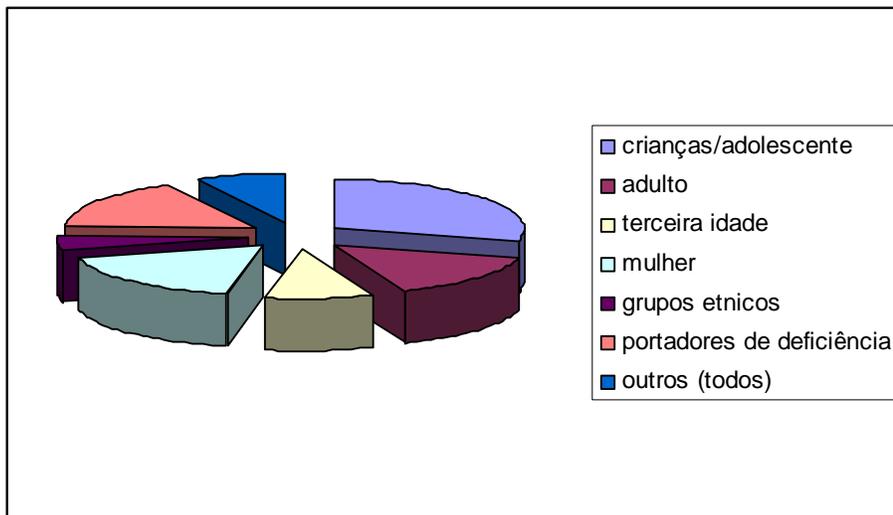
O quadro demonstra que a maioria das organizações tem como objetivo de trabalho a questão da assistência social, sendo que educação e saúde, respectivamente, também têm grande importância neste contexto.

O gráfico apresenta dados de forma a exemplificar que aspectos como cultura e habitação, têm pouca presença nesta rede social.

Podemos concluir que esta rede é claramente uma rede de assistência social, com base em educação e saúde, pois essas três atividades somadas representam mais de 68% das organizações. Por outro lado, e não menos importante defesa de direitos e cultura, aparecem com 21%, o que demonstra uma relação de complementaridade com a questão assistencial.

...ntar e complementar a caracterização estão no quadro a seguir, que demonstram a distribuição das organizações em função do público atendido pelas organizações.

Gráfico 2 ó público-alvo das organizações que participam da RSRC

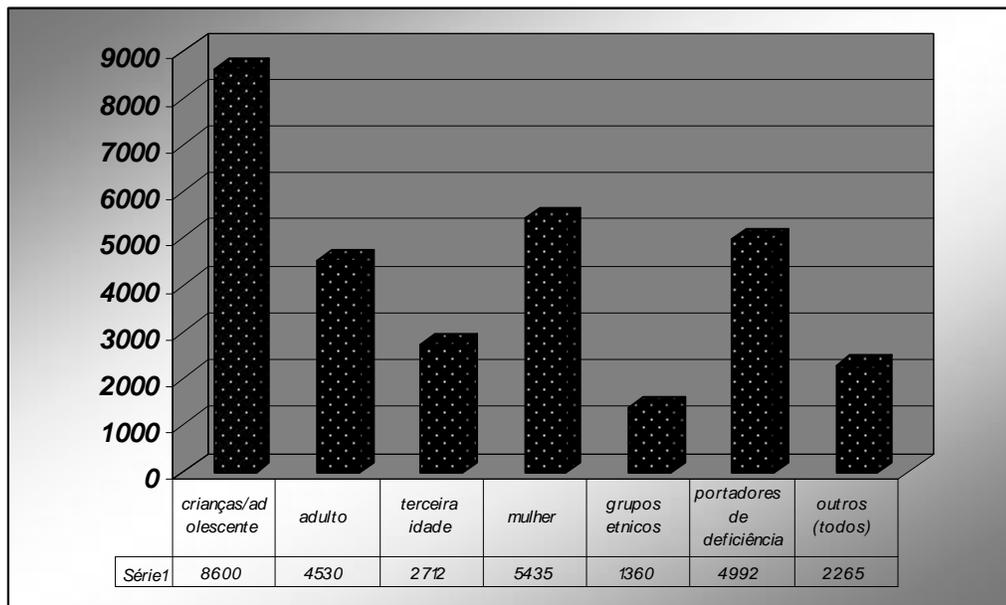


As figuras demonstram que crianças e adolescentes são o principal foco de atenção, seguidos pro mulher e portadores de deficiência.

Ficam evidentes que o foco de atendimento são crianças e adolescentes, seguidos por mulher e portadores de deficiência. Esses três fatores juntos representam mais de 63% do foco de trabalho. Não menos importante, questões ligadas a grupos étnicos e terceira idade também possuem participação significativa.

O gráfico a seguir demonstra as organizações em função da relação entre volume de atendimentos e público.

Gráfico 3 ó Volume de atendimentos por público alvo



São mais de 8000 crianças e adolescentes que são atendidos mensalmente pelas organizações.

Vale destacar que mesmo no aspecto grupos étnicos, que possui a menor participação em volume de atendimento, o volume total mensal é superior a 1100 pessoas, o que também pode ser considerado bastante expressivo

Com as informações acima, é possível conhecer e entender em linhas gerais que tipo de organizações e qual o volume de atendimentos realizado pelas organizações que participam da Rede Social Rio Claro.

A diversidade e o volume de organizações fizeram com que a rede social, por um bom tempo, trabalhasse assuntos e projetos para o atendimento de necessidades e expectativas gerais. Temas ligados a economia solidária, projetos alternativos de geração de renda e captação de recursos aparecerem em praticamente todos os encontros.

No entanto, com o passar do tempo, várias organizações começaram indicar o interesse em trabalhar com projeto mais específicos, de natureza basicamente assistencial (característica marcante do grupo), e com isso teve início o primeiro projeto social da Rede Social Rio Claro.

O projeto "Construindo Pontes" nasceu como um projeto social para atender a demanda específica de um bairro da cidade, que vinha sendo estudado por alguns participantes da rede. Entre a sua estruturação e formato final, foram 4 meses de trabalho, em que um pequeno grupo da rede, se reunia semanalmente. A escolha do nome é repleta de simbolismos, e possui um sentido específico, o sentido é de que a ponte viabiliza o transporte das ferramentas necessárias para a construção de um sonho, leva homens e mulheres para outros lugares, possibilitando a mudança de extremidade à outra. Enfim, esta ponte (projeto) tem o objetivo de transportar as mulheres do bairro, que estão oprimidas e sufocadas, para uma outra extremidade do abismo, que valoriza e incentiva o protagonismo social feminino.

A organização em forma de projeto foi escolhida em função da conveniência de sistematização e organização dos papéis identificados pelos componentes da rede, pois a finalidade é promover ações de geração de trabalho e renda através de cursos e oficinas para mulheres dos bairros Jardim Bom Sucesso e Jardim Novo Wenzel.

A execução foi feita de forma cooperativa entre os participantes da rede social e tem como público alvo um grupo de mulheres e crianças do bairro, com foco em geração de renda. A geração foi feita através da customização de roupas e acessórios em geral.

Como customizar é utilizar uma peça já usada que desejamos aproveitar dando uma nova aparência foram utilizados diversos recursos como: aplicações, bordados, recortes, etc. O programa foi organizado de forma prática, levando em consideração os

le local. A intenção final é de que as mulheres sejam capacitadas a produzir e gerar renda, além de perceberem a possibilidade de transformação pessoal que isto pode lhes proporcionar.

A primeira turma do projeto ocorreu no período de setembro a dezembro de 2006, tendo um total de 16 alunas e a produção de 93 peças de roupas customizadas. Todas as peças foram comercializadas no período de uma semana em parceria com um supermercado da cidade.

O projeto envolveu várias organizações e voluntários, que atuaram em conjunto para viabilizar as atividades, são eles: SENAC Rio Claro, Guida Vivacqua, Vasti Stivalli, CLIRC (Pilar Casagrande), Cidade Saudável (Marília Koelle), Consulado da Mulher, Nosso Lar (Luciana), Voluntário (Norivaldo).

Na foto abaixo, temos Maria uma das alunas do projeto, vestindo uma camiseta customizada com uma das técnicas aprendidas no curso (Ilustração 1).

Ilustração 1 é participante do projeto Construindo Pontes





Como parte do programa de atividades foi utilizada temas transversais, abordados sistematicamente ao final de cada aula, com o objetivo de estimular e permitir a reflexão interior das alunas, como alternativa de transformação e crescimento pessoal. Os temas transversais visavam atuar no desenvolvimento do ser humano em suas necessidades primordiais, sendo que neste caso os temas estavam relacionados ao papel da mulher na sociedade. Os temas trabalhados foram os seguintes: A beleza que existe em nós; Enterro do ãEu não consigo; Gênero; Cuidados e higiene pessoal; O presente.

Todos os materiais utilizados nas atividades foram obtidos com o apoio das organizações e voluntários. Dentre os materiais utilizados no projeto, estão: tesouras, agulheiros, linhas de costura, fitas métricas, sianinha preta e branca, Réguas, sutache de 6 cores, fitas nº 1 de 5 cores, ponto russo de 8 modelos, passa fita de 2 cores, viés de 8 cores, caixas de alfinete, colas para pano, termolina, rolo de barbante, lápis, carbono, viés de cetim, corantes para tecidos, tintas para tecido, camisetas brancas de mangas curtas, rendas (branca, preta, rose), frufu (branco, laranja e verde), malhas de algodão coloridas (retalhos), retalhos de moleton, linhas de bordar, retalhos de tecido, sianinhas coloridas, tintas para tecido, roupas usadas e agulhas rombudas, entre outros.

A organização também previu a necessidade de organizar equipes de apoio para viabilizar transporte, lanche (crianças e mães) e cuidar das crianças durante o transcurso das aulas, para que as mães pudessem participar das atividades integralmente.

as enquanto as mães participam das oficinas



Este projeto teve um grande significado para rede social, pois ele fugiu das características iniciais do trabalho, em que as organizações buscavam informações para melhor o seu funcionamento, Neste caso, o trabalho e a ação coletiva foram necessários e determinantes para sua realização. Isto pode ser demonstrado pelo depoimento de umas das professoras de artesanato e voluntária da Rede Social de Rio Claro, que atuou ministrando aulas de customização.

õA Rede bateu em minha porta e me trouxe a esperança novamente, tinha o sonho de ensinar e trabalhar em prol da comunidade e achava impossível, pois sozinha não iria conseguir nada. Agora é tudo diferente além do meu entusiasmo e das participantes da Rede percebo que meu sonho se realizará o mais breve do que imaginava. Ver muita gente feliz e com sua dignidade devolvida, pois na comunidade os sonhos estão sendo roubados deixando todos sem luz.

trouxe a oportunidade e está dando o suporte a realização deste sonho.

A rede ajuda às pessoas que precisam de ajuda e que querem crescer. Eu passo tudo o que eu aprendi na vida, sinto-me realizada e feliz por ser voluntária ajudar as pessoas que estão inseridas neste projeto.. Isso para mim é um compromisso social que todos devem ter consciência e ao mesmo tempo um compromisso pessoal no qual a pessoa deve estar disposta a cumprir e construir um amanhã melhor com muitos sonhos e muito azulö(TESTEMUNHO, 2007)

Para complementar, o depoimento de uma das participantes da oficina e também beneficiária de outras ações da rede social.

õConheci a Rede através da Amorg ó Associação de Moradores do Guanabara, pois minha filha participa do Projeto Luquinha e então fui convidada a participar da Rede e isto foi maravilhoso para minha vida, estava passando por um pedaço de vida difícil. A Rede mudou minha vida, me animou , está me ensinando a õSer (eu mesma e lutar pelos meus sonhos) e a Ter (aprendizado para realizar estes sonhos)ö e também a vida de meus filhos, um deles se interessou pelo Boxe, já está lutando e ganhou uma competição em São Paulo, das meninas uma está no Pet ó Programa de Educação para Trabalho e a outra aprendendo junto comigo no projeto da Rede. Além disto, eu também consegui emprego através da Rede por isto é que melhorou muito a minha vida. Sem a rede eu ficava com problemas guardados e não participava da vida social e tinha depressão , hoje me sinto mais livre , entrosar é bomö (TESTEMUNHO, 2007)



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

m organizadas mais duas turmas deste projeto e está previsto para o próximo ano (2008) o lançamento de uma marca de roupas e acessórios customizados.

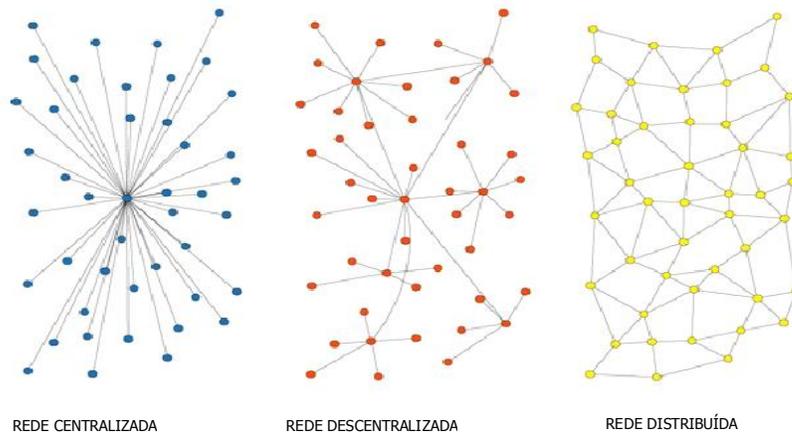
TERIZAÇÃO DA REDE E SEUS ATORES

Este capítulo dedica-se a apresentar uma caracterização da Rede Social Rio Claro, sua forma de organização e alguns de seus atores.

3.1 ó Organização da Rede

A rede social Rio Claro, foi organizada a partir de uma ação proposta pelo Senac, que atua como centralizador da rede. As figuras abaixo demonstram três configurações possíveis de uma rede, sendo que a primeira, centralizada, representa o estágio inicial, e a segunda e terceira, apresentam a perspectiva de avanço, tanto no formato, quanto no avanço da qualidade e forma de conexões.

Ilustração 4 ó representação gráfica das conexões de redes



No modelo de rede centralizada, o papel do centralizador está diretamente relacionado à sua credibilidade, eficácia institucional, e compromisso cívico com a comunidade. (Woolcock). Isto é preponderante para que ele mantenha a capacidade de articulação, atração e manutenção dos participantes.

Como centralizador, o Senac utilizou uma metodologia de trabalho que aborda aspectos relacionados à organização da rede, a capacidade de trabalho da rede e também o desenvolvimento educacional das organizações que participam da rede.

lhos consistiu em: promover encontros rotineiros entre os representantes de organizações (mensais); incentivou os participantes a compartilhar conhecimentos e soluções para problemas enfrentados por todos; favoreceu o processo decisório, garantindo espaço e orientando para as melhores soluções para o grupo; organizou e sistematizou informações referentes ao grupo ou de interesse do grupo; promoveu a integração dos participantes; articulou os recursos disponíveis no grupo, materiais e não materiais para a busca dos objetivos estabelecidos; e manteve o registro do grupo e suas atividades.

Com relação à capacidade de trabalho: identificou ações de interesse do grupo e dimensiona a capacidade de trabalho das organizações que tem interesse em participar da ação; propôs e apresentou novas possibilidades de projetos; estabeleceu coletivamente metas de trabalho e criou formas de garantir o cumprimento das metas; estabeleceu e facilitou conexões entre os mais diferentes atores para viabilizar os projetos; estabeleceu e gerenciou ações de visibilidade dos resultados alcançados pela rede.

Com relação ao desenvolvimento educacional: promoveu a participação das organizações em atividades educacionais que facilitam e trazem informações técnicas que podem auxiliar o funcionamento das organizações; disseminou conhecimento de forma democrática entre todos; identificou necessidades e carências educacionais e as proporcionou, através de ações próprias ou de parceiros.

A figura abaixo reúne, de forma sintética os princípios de condução que puderam ser observados na RSRC.

eficácia dos princípios de funcionamento da RSRC



3.2 ó O Senac de Rio Claro e a relação com a Rede Social

A unidade do Senac em Rio Claro foi inaugurada em 1998, e tem neste período feito uma média de atendimento anuais de 6500 pessoas. A rede social surgiu como uma alternativa de inserção junto à comunidade, em uma perspectiva de responsabilidade social.

A rede surgiu para a unidade através do contato com projeto em São Paulo e através das conclusões de um levantamento de informações da cidade, que apontou um grande número de organizações sociais em funcionamento e uma demanda crescente por uma atuação mais consistente na cidade.

Os dados apontaram para um ambiente em que poderia funcionar este tipo de atividade e aí colocamos nosso interesse internamento para os responsáveis de corporativos. A partir disso, obtivemos aprovação para iniciar os trabalhos e o resultado é a Rede Social Rio Claro funcionando desde 2003.

arado com uma série de problemas sociais na cidade.

Sempre ficamos pensando em como ajudar, de que forma nosso trabalho pode evoluir neste sentido, aí quando apareceu o projeto, foi um encontro de interesses. A proposta em si não tinha nada de inovador, todo o trabalho pesado ficaria por conta da unidade que precisaria tocar o dia a dia junto com todas as outras responsabilidades.

No início tínhamos a missão de atrair e manter organizações, no maior número possível, pois acreditávamos que o número poderia ser expressão de sucesso e também de maior penetração na sociedade. Havia muitas dúvidas sobre a condução e toda a equipe envolvida não tinha muita experiência. Corremos muito, erramos bastante, patinamos, mas por fim encontramos um caminho.

O momento inicial também apresentava divergências na forma de conduzir o grupo dentro do próprio Senac. Passada essa fase, conseguimos estabilizar um grupo, bem menor do que nossa expectativa inicial, mas tivemos condições de propor e executar projetos, simples, mas que tiveram grande significado.

Apoiamos o CVRC a fazer uma cartilha, organizamos vários fóruns para o desenvolvimento do grupo, escolhíamos um tema de dificuldade comum e buscamos alguém em condições de nos orientar, e assim caminhamos.

O Senac como um todo aprendeu a lidar com essas questões de forma mais organizada e hoje temos mais de 20 redes funcionando no interior de SP³. O grupo que vem trabalhando já se conhece muito bem, teve um ganho de maturidade e qualidade no trato de questões, tanto técnicas quanto de relacionamento. Enfim, acho que amadurecemos e evoluímos muito.

Internamente na unidade, acho que refletimos pouco sobre esses avanços. Envolvemos algumas pessoas no processo mas que acabam trabalhando com isto por obrigação, dever de ofício, o que tem um funcionamento restrito. Todos que se envolveram a valer nessas atividades, gostam disso, e por isso suportam muitos mais obstáculos.

No entanto, avaliamos que a maioria não atua enquanto instituição e estão ali por um interesse pessoal, que tem muito valor, mas que com o tempo têm limitado os desdobramentos de nossas ações.

³ As redes sociais e suas ações podem ser visitadas virtualmente através de www.setor3.com.br/redesocial

enciais se demonstraram muito frágeis do ponto de vista de organização, especialmente as que trabalham com voluntários. Assim, a maioria tem interesse pessoal também nesse tipo de ações. O tipo de organização pode influenciar, mas entendemos que não seja o responsável, pois no fundo todos lidam com questões muito difíceis e delicadas.

Foram formadas relações de confiança dentro e fora do grupo. Muitos perceberam que isto pode funcionar para muitas outras coisas, não só para o social e o estão utilizando.

A questão da metodologia vem pesando muito. Internamente não temos mais dúvidas sobre isto, mas acho que devemos melhorar nossa forma de condução dos trabalhos, especialmente com relação às expectativas que os outros participantes possuem com relação ao Senac. Se fosse começar tudo de novo, o que mudaria seria a condução do processo, mas não a metodologia em si, pois acredito que hoje podemos afirmar que ela contribui para a cidade.

Tivemos muitos momentos de incertezas, mas agora isto está superado. Há projetos em andamento e até brigas para levar projetos adiante, algo que nos dois primeiros anos, parecia improvável. Acho que este trabalho é importante e fico feliz de participar desse tipo de trabalho.

3.3 ó Perfil de algumas organizações que participaram da RSRC

Conforme descrito neste capítulo, a rede social foi composta pelo agente centralizador e os demais atores, neste caso, organizações sociais da cidade de Rio Claro. Além da caracterização feita no capítulo anterior, segue uma breve descrição das organizações, como suas principais atividades e também o levantamento das expectativas e avaliações que elas fazem da sua participação na rede social.

3.3.1 ó Lar Espírita Esperidião Prado

O lar surgiu como um departamento do centro espírita Verdade e Luz, junho de 1963, com o objetivo de abrigar e atender viúvas e seus filhos. A Instituição no formato

de 1964, ou seja, após um ano, sendo que a partir disso, passa a ter uma condução independente do centro espírita, ganhando assim a sua autonomia de trabalho, mas mantendo-se fiel ao objetivo de abrigar mães e filhos, só que agora, não necessariamente viúvas. O lar é constituído por uma estrutura composta por oito casas e oferecem, além de moradia, água, luz, alimentação, vestuário, material escolar, material de higiene e limpeza, e medicamentos aos seus atendidos. As mães atendidas trabalham e estudam, e fazem um depósito mensal de 70% do seu salário, para a compra da sua casa própria. As crianças são monitoradas e recebem atendimento psicológico. A capacidade de atendimento do lar é de 40 pessoas.

O Lar recebeu um convite para conhecer a proposta através da participação de uma reunião no Senac em Rio Claro. Fui indicada pela organização para ir conhecer o que estava sendo feito e estou até hoje, mesmo não fazendo mais parte dos trabalhos do Lar.

Todo mundo que trabalha que tem um trabalho assistencial e voluntário tem carência de recursos e informações. No início fomos atraídos pela proposta e também pela instituição que estava fazendo a proposta, o Senac. Imaginávamos que iríamos conseguir juntar forças e transformar o trabalho que todos vínhamos fazendo. Tínhamos consciência das dificuldades, mas acreditávamos que tudo poderia ser superado. Com o passar do tempo, percebemos que o Senac não nos ofereceu tudo que tínhamos de expectativa e também o processo de formação e manutenção do grupo se arrastou por muito tempo. Isto acabou tornando as atividades um pouco repetitivas e até desmotivantes. Também acho que faltaram condições para que projetos de captação de recursos e desenvolvimento dos representantes fossem levados a efeito, pois o maior problema das organizações que estavam ali representadas era de recursos, especialmente financeiros (menos o Senac). Ainda assim tivemos várias coisas interessantes nesse processo.

Conseguimos nos organizar para realizar o Seminário do Terceiro Setor, fizemos algumas boas amizades e aprendemos a trabalhar em conjunto, sentimos as dificuldades de fazer isto como um todo.

O começo foi cheio de novidades e expectativa para todos. O Senac teve muitas dificuldades, pois ele conduzia o trabalho com o pessoal de SP que vinha, realizava uma reunião, palestra e voltava. Para começar a trabalhar aqui em Rio Claro, tivemos

de discussão. Aos poucos fomos criando um caminho de trabalho e elegendo prioridades (acho que estamos nisto até hoje). Tínhamos o desafio de construir uma rede.

O principal é que ainda existimos. Realmente achei que ela fosse acabar, por mais de uma vez. Ainda estou participando porque gosto muito desse tipo de trabalho. Aprendemos nesse período a ter paciência e especialmente que fazer sozinho parece sempre mais fácil, pois em conjunto temos que conciliar muitos interesses.

Parte das dificuldades está no fato das organizações não entenderem a sua participação. Na verdade vejo um conjunto de pessoas que participam de algumas atividades, não acho que a representatividade de uma organização seja o maior motivo de presença de todos aqui. Assim, os interesses individuais estão sempre sendo colocados, tendo um olho no coletivo e vários no individual. É claro que nossa rede é feita de pessoas e algumas pessoas são mais influentes ou detentoras de mais recursos ou informações. O próprio Senac acaba propondo e direcionando o trabalho, forçando a barra para termos produção criarmos projetos, para aparecer na mídia e justificar o seu trabalho. Nesse aspecto não vejo nada de coletivo.

Grandes partes das organizações não apóiam com trabalho direto todas as ações. Muitas participam das propostas e reuniões, mas não ajudam ou até somem, no momento de trabalhar pelo que foi definido. Há uma diferença entre apoiar as atividades e trabalhar em prol delas. Apoiar apóia, o que estou dizendo é que temos dificuldades para que elas participem além da ajuda em reuniões ou definição do que vai ser feito, isto é, não colocam a mão na massa.

Temos um grupo com pessoas muito diferentes, em idade (acho que sou a mais velha) e experiência e condição de vida. Isto não necessariamente é ruim, mas dificulta um pouco o direcionamento dos trabalhos, pois a opiniões são muito diferentes. No entanto acredito que aprendemos a confiar em nós mesmos e também no grupo, especialmente agora que produzimos o Construindo Pontes, mas isto foi agora em 2006, antes desse projeto nossa confiança era frágil, acho que nem existia.

Credito essa fragilidade ao que o Senac chama de metodologia. Acho que reunir organizações, propor reuniões e estimular trabalhos não pode ser chamado de metodologia. O Senac poderia ter feito muito mais por nós, oferecendo cursos,

era essa e acho que faltou mais interesse para que isto fosse feito.

Ainda assim acredito que precisamos estar abertos a receber novas pessoas. Comento que a forma de trabalho de inserção atrapalhou, pois tínhamos a sensação de que sempre estávamos voltando ao início, o que faz com que nossa rede ainda seja uma redinha. Precisa crescer e para isto, além de bons e grandes projetos, temos que ter mais participante.

3.3.2 ó Casa das Crianças

A Sociedade Beneficente São João da Escócia, mais conhecida como Casa das Crianças, foi fundada em 1952 como um internato, abrigo masculino, e com o passar do tempo, foi alterando a sua forma de atuação e a partir de 2003, passou atuar na prevenção em uma perspectiva sócio-educativa em meio aberto para crianças e adolescente, deixando de ser um internato. A casa atende em média 170 crianças por mês, com ênfase em ações educacionais e de assistência social. As principais atividades são: socialização, promoção a saúde, práticas esportivas, desenvolvimento artístico e acompanhamento escolar.

A participação na rede veio em função de um convite do Senac para participar de uma atividade ligada ao Terceiro Setor. Após um contato inicial, soubemos que as atividades eram gratuitas e resolvemos ver o que era. O que nos atraiu, além do custo, pois nossa casa luta com muita dificuldade para manter o seu funcionamento, nos interessamos, pois descobrimos que os outros participantes também tinham um trabalho assistencial e voluntário que lutávamos por recursos e qualificação profissional, como nós.

No começo a proposta me pareceu bastante interessante. Entendemos que por ser o Senac, estaríamos recebendo informações e cursos em conjunto com outras instituições da cidade. Encontramos ali alguns amigos da prefeitura e outras organizações e foi nisso que apostamos.

Passada a fase de montagem do grupo, percebemos que o trabalho não seria bem este, que as atividades estariam mais focadas na troca de informações e no compartilhar

as. Achemos as atividades um pouco desinteressantes em alguns momentos e inclusive pensamos em parar de participar, mas estamos até hoje.

Nossa dúvida com relação a participação surgiu quando entendemos que não estaríamos recebendo cursos e palestras gratuitas e por isso, nos perguntamos o que então poderia ser feito.

Temos encontrado muitas dificuldades e até falta de conhecimento para trabalhar com alguns problemas do dia a dia. A formação do grupo que atua em nossa organização, não ajuda muito a cuidar de processos burocráticos e fala-se muito de gestão, que é algo que não temos muitas condições de ajudar ou trocar informações, pois não somos representados por uma pessoa que possui uma função ou cargo desse tipo.

Com o tempo aprendemos que esses assuntos gerenciais não são tão chatos e que também temos como participar, além disso, criamos um grupo, pequeno é verdade, que troca informação e se ajuda, acho que esse é o principal ele se ajuda. Muitas vezes fora daqui (rede) funciona até melhor.

A minha participação está relacionada ao fato de que acabei gostando das idéias e das pessoas e também porque não tem uma coisa muito rígida, que é proibido faltar, etc. É certo que minha participação ocorre porque trabalho na casa, mas não fico repassando o que fazemos aqui lá pra dentro diretamente. Individualmente aprendi muito, mas acho que a casa tem muito a melhorar. Não sei muito bem como ajudar, faço meu trabalho bem feito, mas nem sempre acho que isto está bom. Estou aqui por mim, mas como trabalho em uma organização ela acaba se beneficiando também, pois acho que melhorei bastante neste período.

O nosso coletivo é fraco, trocamos informações e fazemos algumas coisas juntos, mas temos pouco tempo para dedicar a esse tipo de trabalho, pelo que vejo, tem pessoas com mais tempo e condições que acabam participando mais. Apesar disso, a organização a que pertencço incentiva a participação, mas não há condições de ajudar com muito, pois somos muito carentes e temos muitas dificuldades para sobreviver.

Na rede fizemos muitos amigos novos e também aprendemos que temos uma alternativa de informações para alguns dos nossos problemas cotidianos. Entendemos também que não vão fazer nada por mim, mas as informações já ajudam bastante.

o importante participar da rede, pois tem me ajudado a estudar e trabalhar assuntos ligados ao trabalho assistencial e também desconheço outro tipo de organização que faça isto sem interesse outro, como religião, eleição. Acho que ela é importante e deve continuar.

3.3.3 ó CLIRC ó Centro Literário de Rio Claro

O centro foi fundado em 1997, formado por uma plêiade (poetas e escritores), passando a constituir-se juridicamente a partir de 2003, na forma de uma OSCIP. O centro atende em média 90 pessoas por mês, através do incentivo a leitura e escrita como instrumento de inclusão e cidadania, pois quem lê e escreves (jovens, adultos, idosos, homens, mulheres), consegue momentos de reflexão, lazer e principalmente sonhar e tentar fazer com que o mundo seja melhor.

O interesse de participar da rede surgiu de uma divulgação que vimos no jornal sobre fóruns para discutir assuntos relacionados ao terceiro setor. Com isso entramos em contato com o Senac, acabamos participando das primeiras atividades e estamos até hoje.

O que mais nos atraiu foi a possibilidade de contatos. Trabalhar com literatura depende muito de contato e de hábito, coisas que não fazem parte de nossa cultura. Quando entrei em contato com a proposta de trabalhar em conjunto com várias outras organizações identifiquei uma possibilidade de disseminar o nosso trabalho no Clirc. Com o tempo percebi que minha idéia inicial não seria bem a mesma, pois percebi que tinha muito a aprender e também que trabalhar com questões assistenciais, que sempre gostei, era algo que eu deveria fazer.

No começo achei que poderia inclusive fazer parceria com a escola Senac, mas também com outras organizações. Percebi nelas muito interesse, mas a falta de recursos iniciais atrapalhou um pouco, mas isso foi driblado e já temos algumas ações em conjunto.

Voltando à proposta, com o tempo entendi que temos que nos unir para criarmos em conjunto uma força para enfrentar os problemas. Participamos de alguns cursos e seminários que foram mudando nossa forma de ver e trabalhar. Acho que perdemos um pouco de tempo, decidindo o que ia ser feito, mas encontramos um caminho.

...itas, deixamos de ficar esperando o que o Senac iria nos dar e começamos buscar condições de fazer o que em conjunto queríamos fazer, inclusive junto ao Senac. Isso ajudou muito pois deixamos de ficar discutindo papéis e o que iríamos ou não receber e partimos para identificar pontos em comum.

Em função disso, hoje me sinto bem participando da rede, temos momentos de discordância, mas temos também a maturidade de resolver as coisas na hora e tudo anda bem. O conjunto teve muitas pessoas que participaram e deixaram de participar, mas agora estão voltando, pois estão percebendo que temos consistência e persistência.

O coletivo é mais o mais importante, apesar de reconhecer que a participação ajudou em muito na perspectiva individual. De fato acabo dedicando pouco tempo aos trabalhos da rede e acho que isto tem atrapalhado um pouco.

A organização e eu nos confundimos, mas acho que participo por mim e pela organização os dois. Dependendo da organização ela pode participar mais ou menos e também de quem a representa. Existem pessoas mais ativas que vibram mais e acabam atuando mais, não é o meu caso.

Acredito que hoje temos uma relação de confiança em um pequeno grupo que aprendeu na adversidade, vimos muitas pessoas passarem pela rede e quem foi ficando acabou fortalecendo as relações. Temos um pequeno grupo no qual podemos confiar uns aos outros.

Com relação à forma de condução dos trabalhos, não entendo muito de metodologia, acho que a condução não foi muito boa, mudaram muito as pessoas do próprio Senac, mas acho que é assim mesmo, um processo lento de formação e definição de projetos, e por isso acho a rede importante e gostaria que continuasse.

3.3.4 ó Instituto Consulado da Mulher

O Instituto surgiu em 2002, como a materialização da vontade de uma grande empresa da cidade (Multibrás) de ampliar e estruturar as suas ações de responsabilidade social.

O Instituto atende em média 800 pessoas por mês. O foco de atuação está na educação, saúde, cultura e defesa dos direitos, que participam de um conjunto de oficinas que são oferecidas as mulheres, como alternativa de capacitação para geração

ma para melhorar as relações de gênero. São oficinas de culinária, artesanato, cultura, arte, corpo e mente informação nutricional.

A participação do consulado na rede ocorreu através de um contato inicial com Senac aqui de Rio Claro, aonde soubemos que seria iniciando um projeto voltado ao desenvolvimento do Terceiro Setor, que está relacionado com o que pretendemos fazer no consulado e por isso resolvemos aderir. Nós temos como centro de atuação em nosso trabalho questões ligadas à mulher. O seu desenvolvimento, valorização e humanização social, sem desigualdade ou discriminação.

Com as nossas mulheres temos uma filosofia de trabalho que envolve trabalho voluntário, ações de conscientização, profissionalização e quando vimos o Senac, que é referência em educação profissional, imaginamos que poderia ser boa oportunidade de complementarmos o trabalho já desenvolvido.

No início a expectativa estava mais voltada ao que conhecemos do Senac e não do que acabou sendo a proposta afinal. Acreditamos que o trabalho conjunto possui muita força e decidimos entrar nesse processo, com o intuito de unir forças. Vivemos em uma cidade com muitos problemas sociais, mas que principalmente, possui carência de programas que busquem de alguma forma diminuí-lo ou equacioná-lo. Foi que fez a nossa participação.

Ao longo do tempo, tivemos a oportunidade de amadurecer a forma de trabalho e ganhar um corpo capaz de ir além da troca de informações, produzindo em conjunto.

Gastamos muito tempo para entender o que pretendíamos fazer, pois tivemos problemas para definir um grupo constante e também tivemos problemas de continuidade com o próprio Senac, que teve mudanças e inconstância na condução dos trabalhos. Entendo que levamos quase dois para superar isto, mas agora criamos condições de evoluir.

Acredito que hoje não temos mais o temor e a expectativa de quorum para as atividades. Já temos um grupo mais constante que opina e participa pra valer. O grupo ainda está pequeno, que realmente participa, mas já consegue contabilizar alguns projetos e apoios internos que valem a participação. Sabemos com quem podemos contar ou não e para que tipo de atividade.

A minha participação na rede está vinculada a representação do consulado. Não me vejo fazendo isto individualmente, pois acredito que o maior benefício deve ser

tem todos fazem isto, mas no meu caso o consulado tem aproveitado este processo. Pra mim, as ações só fazem sentido quando tem um sentido coletivo, por isso, quando as discussões vão para outro caminho, não participo e às vezes até sai de cena. Isto mesmo, tem o nosso papel individual, mas o que conta como mais importante é nossa ação institucional, pois somente assim ganhamos força para realmente mudar uma realidade.

Acredito que a organização e a sua natureza podem ter uma influência, mas o principal é o entendimento das pessoas que a fazem e conseqüentemente a representam. Acho que não podemos ignorar a natureza, mas ela por si não responde por tudo.

O que procuramos no consulado é a formação de elos. Trabalhamos com a temática da mulher gera muito preconceito e suspeito de extremismo, o que normalmente precisamos superar. Isto ocorreu na rede e nos deixa muito satisfeito. Neste meio temos condições de ter discussões profundas e reais, sem um viés ideológico exagerado. No entanto, acho que o Senac demorou a nos apresentar uma metodologia de trabalho. No começo tínhamos uma necessidade muito grande de produzir. Não conseguíamos entender que precisamos nos desenvolver primeiro para produzir depois. Isto foi muito difícil de entender e principalmente aceitar, pois temos referências em trabalho assistencial que boa vontade move montanhas. Acho que o processo poderia ter sido conduzido com mais clareza desde o início.

No entanto, percebo que nossa importância para a cidade ainda é muito tímida, quando comparado com nossas ambições e com tudo o que lidamos. Porém acho que estamos a caminho, pois esta jornada é longa.

3.3.5 ó Centro de Voluntariado de Rio Claro

O centro tem sua origem ligada ao projeto semente. Desde 2002 tornou-se uma OSCIP com o objetivo de ampliar o trabalho para fora dos meios escolares. Somando todos os projetos que estão em andamento, hoje atendemos mais de 10000 jovens por mês.

Esta iniciativa também tem a função de criar maiores possibilidades de parceria e financiamento dos projetos. O centro atua com quatro programas: programa de ampliação do espaço de participação da juventude; programa de fortalecimento das

as de responsabilidade social; e programa de apoio ao MAB, Movimento de Adolescentes Brasileiros, cuja sede em Rio Claro, fica no próprio CVRC. O interesse do lar na rede surgiu em função da paixão dos representantes em trabalhar como terceiro setor, e por isso tiveram interesse de participar logo de início, mesmo sem entender muito bem a proposta inicial.

No começo a proposta me pareceu bastante próxima ao trabalho do CVRC, pois lá, temos como grande objetivo fortalecer as organizações sociais da cidade. Quando vi que o Senac estava com uma proposta de trabalhar nesta linha, fiquei muito contente, pois temos muito trabalho a fazer e poucos interessados em desenvolver este tipo de atividade, pois em geral não há retorno financeiro.

A questão financeira é outro aspecto da atuação, pois nossa forma de trabalho está relacionada a permitir que pessoas interessadas em desenvolver algum tipo de trabalho ou ação voluntária consigam informações sobre qual organização assistencial está precisando de voluntários e de que tipo, com qual disposição, formação, enfim, quer fazer a ponte entre organização e voluntário.

No começo tudo era novo para todos, pois o próprio Senac estava buscando um caminho para trabalhar aqui em Rio Claro, tivemos muitas reuniões alguns fóruns de discussão e o programa Formatos Brasil, que foi o que realmente abriu o nosso entendimento sobre a questão de trabalhar em Rede e todos os seus potenciais. Além dos desafios de construirmos uma rede, complementa.

A persistência é uma característica marcante do grupo, pois a capacidade de persistir ao longo do tempo mostra o interesse e a necessidade que as organizações têm de buscar melhores condições de trabalho. Em muitos momentos achamos que o Senac teria mais a nos oferecer, mas em um balanço geral, acho que o trabalho está interessante.

O dia-a-dia do lar tem se mostrado cada vez mais duro, cada vez com menos apoio e por isso, quando falamos em trabalhar no coletivo, há um grande interesse, pois isto pode significar apoio e ajuda.

No entanto, efetivamente, temos poucos fatos marcantes que podemos destacar de destaques coletivos. Acho que o Seminário de Responsabilidade Social de 2005 é um dos destaques, mas no geral o coletivo fica bastante reduzido. A maioria das

trabalho direto todas as ações. Muitas participam das propostas e reuniões, mas não aparecem no momento de trabalhar pela causa comum.

O fato de termos um grupo heterogêneo nos traz uma série de situações diferentes, do ponto de vista de dificuldades, mas uma grande riqueza de experiências.

Não acho que isto seja um problema, muito pelo contrário, é nossa grande riqueza. Por isso, também, é que reclamamos quando temos uma participação efetiva de poucos. Outro problema é da representatividade.

Quando queremos fazer uma ação mais expressiva socialmente precisamos ter o maior número possível de setores locais envolvidos. Uma das formas de conseguir isto é o apoio efetivo de diversas organizações. A confiança é algo que a proposta de trabalho do Senac, em como conduzir o trabalho, mais cresceu. Vamos nos vendo, nos falando, dentro e fora das reuniões, vamos conhecendo melhor as pessoas e as organizações e quando percebemos estamos o tempo todo em contato, e de certa forma, apoiando uns aos outros.

Acredito que o desafio que temos é de encontrar alguma maneira de ampliar o número de organizações que conhecem e participam da rede, pois precisamos de volume de massa de pessoas, para pensar as questões sociais da cidade. Temos hoje algumas organizações que tem menos dificuldades que as outras e por isso elas acham que não precisam de apoio e muito menos estão dispostas a ajudar as outras organizações, o que eu acho um erro e por isso é que temos que fortalecer a rede. E o fortalecimento se dá através das adesões.

Isto pode ser feito por todo tipo de organização que tenha princípio e valores éticos condizentes com a atividade que se propõe, mas que fundamentalmente, queira melhorar as suas condições e ajudar a resolver os problemas sociais de nossa cidade.

No capítulo 4, há um maior detalhamento das atividades e funcionamento do Centro de Voluntariado de Rio Claro.

3.4 ó Relação entre os atores da rede e sua centralidade

Para conhecer e entender a visão das organizações participantes foi feito entrevistas abertas. O roteiro de entrevista teve como parâmetro a análise do papel do centralizador, receptividade e reciprocidade dos participantes, dimensão da cooperação

quência de participação (medido através dos registros disponibilizado pelo Senac), fatores que são descritos no capítulo 1 como preponderantes para se entender o tipo de capital social e as características de uma rede de poder.

Para definição das organizações a serem entrevistadas, foi levado em consideração à frequência de participação da organização nas reuniões mensais, e para efeito de pesquisa, foi selecionado aquelas que estiveram presentes a mais da metade das reuniões, pois desta forma temos uma amostra significativa do que as atividades podem ter significado aos participantes. Também foi levada em consideração a disponibilidade para fornecer informações e dar entrevista. Com este critério, reduzimos o universo a onze organizações, sendo que dessas apenas sete se dispuseram a fazer a entrevista.

Segue quadro de participações e frequência (2003 a 2005) com registro das organizações que participaram de no mínimo cinco reuniões ou atividades.

Tabela 6 - Total de atividades consideradas no período de 2003 - 2005

INSTITUIÇÕES/ VOLUNTÁRIOS	Número de participações	Entrevistas
3º CONSEG	5	
ADILSON M. JACOMINI	18	X
ADRIANA AP. ISAIAS DE MORAES	17	X
ANTONIO CARLOS SOUZA	5	
APAE RIO CLARO	5	
ASSESSORIA IMPRENSA RIO CLARO	5	
ASSOCIAÇÃO DE BAIRRO FAMILIA FELIZ	5	
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS RIO CLARO	13	
AMORG	19	X
CASA DA JUVENTUDE	5	
CASA DAS CRIANÇAS	23	X
CENTRO SOCIAL ED. ROMANO OMETTO	5	
CENTRO VOLUNTARIADO	31	X
CLIRC	18	X
COMUNIDADE TERAPEUTICA PENIEL	19	X
CONSELHO TUTELAR	12	

	30	X
DEFESA CIVIL	6	
DIONISIO PAULO GIONGO	28	X
GRUPO DE APOIO A ADOÇÃO	12	
GUIA RIO CLARO	5	
LAR ESPIRIDIÃO PRADO	38	X
LUCIA V. FRIEDRICK	31	X
Nº ARTES E CLIRC	8	

Obs. Foram convidadas para entrevistas organizações que tiveram mais de 17 participações. Somente foram relacionadas organizações que registraram participação superior a 50%. Organizações marcadas com X foram selecionadas para entrevista. Organizações destacadas em vermelhos não tiveram as entrevistas realizadas.

A partir das entrevistas realizadas com as organizações participantes da rede, foi elaborado o quadro abaixo, no qual estão descritas as informações coletadas nas entrevistas.

Tabela 7 - Quadro sintético das impressões e informações coletadas nas entrevistas

Conceito de Rede Social	Democracia, Igualdade, Individual e Coletivo.	O que entendeu da metodologia	Papel do centralizador	Observações relevantes sobre o centralizador e organizações
Sistema capaz de reunir e organizar.	Princípios básicos de funcionamento de uma rede.	Reunir organizações e criar condições para que elas troquem experiências.	Identificar, propor e articular as organizações.	Não faz, somente observações sobre o que deve ser feito.
Fortalecer organizações sociais da cidade.	Não comentou sobre democracia. Coletivo fraco, grupo heterogêneo e com pouca expressão.	Não deixa claro o seu entendimento.	Credibilidade ao trabalho	Pequeno número de organizações participantes e também o poder de decisão das que estão representadas.
Juntar forças e transformar o trabalho com a força do conjunto	O que motiva a participação é o individual, depois vem o coletivo.	Não considera a proposta de trabalho uma metodologia.	Fomentar e direcionar o grupo.	Fazer sozinho parece sempre mais fácil. Conciliar interesse do conjunto não é fácil. Apoio das organizações

				superficial.
Não define o que é Rede Social	Trata os assuntos na dimensão individual, não encontra espaço e interesse em compartilhar informações trabalhadas.	Não faz comentários sobre metodologia.	Não cita o Senac ou o seu papel na rede	Possui dificuldades para entender o objetivo do projeto. Cita limitação financeira como grande barreira, além de tempo e condições de participação.
Trabalhar em conjunto com organizações sociais	Importância para o individual e coletivo. Cita que depende do que a organização a que pertence faz.	Diz não entender da metodologia.	Início era de financiador	Pouco tempo para dedicar aos trabalhos. Critica a metodologia, em especial a condução e lentidão dos trabalhos.
Trabalho em conjunto possui muita força.	O coletivo e a representação são o mais importante, ainda que reconheça o desenvolvimento individual.	Não deixa claro se a entendeu ou não, apenas faz comentários	Referência em educação profissional	O processo de condução poderia ter sido conduzido com mais clareza desde o início
Grande número de organizações sociais na cidade e o interesse em trabalhar com esse público.	O Senac local também avaliou a importância primeira na dimensão individual.	A metodologia não foi claro por muito tempo.	Criar condições para que a rede fosse criada e se desenvolvesse.	Limite da proposta, que está apenas no criar condições, versus a expectativa de muitos de que o Senac assumiria responsabilidade pela execução dos projetos.

Fonte: elaborado com base nas entrevistas com organizações participantes

As entrevistas demonstram que existem divergências entre a visão dos resultados e das ações propostas pelo centralizador da rede (Senac) e a percepção dos participantes, na dimensão local.

Nas entrevistas, é possível perceber que todos os entrevistados indicam que consideram importante a existência e participação nesse tipo de atividade, mas, no

a importância de participação a fatores distintos. O responsável pela centralidade tem uma visão mais abrangente de multiplicação da sua capacidade de ação e demonstra preocupação com aspectos globais, o que, na análise das entrevistas aparece como uma idéia inicial superficial, pouco especificada e trabalhada, mesmo internamente, junto aos colaboradores do Senac e que foram percebidas por alguns dos participantes.

Por outro lado, os participantes oscilam entre interesses individuais e coletivos, tendo uma prevalência nítida pelo individual, com visão, na maioria dos casos, restrita à localidade em que atua a Rede Social. Não houve, em nenhuma das entrevistas, falas ou afirmações de que o grupo pensa somente no local, que está preocupado somente com isto, mas ao acompanhar a dinâmica diária dos trabalhos, foi possível avaliar que houve nitidamente este limite. Isto pode estar ligado à quantidade de necessidades básicas, relacionadas à existência da organização, e também à noção de desconexão entre aspectos locais e globais, que foi evidenciada por algumas das falas, em que houve ênfase na carência de recursos financeiros, de tempo e de capacidade de interação.

O desenvolvimento e experiências individuais também fazem muito sentido na análise das entrevistas. Participantes mais experientes querem por maior escolaridade, idade e atuação profissional, diferem na interpretação do que os levou a participar do grupo e isto pode explicar em parte, o motivo da demora e da grande dificuldade que o grupo enfrentou nos dois primeiros anos, para superar a etapa inicial de formação e articulação para partir para elaboração e realização de trabalhos em conjunto.

O mesmo quadro, analisado com base nos recursos de poder, apresenta uma nova caracterização da rede. Foram estabelecidos pesos que variam de 0 a 3, para seis principais grupos de recursos de poder, são eles: constitucionais, financeiros, tecnológicos, jurídicos, organizacionais e sociais.

Tabela 8 - Recursos de poder na RSRC

Recursos	Caracterização	Relevância
Constitucionais	<ul style="list-style-type: none"> - Poder de representação - Capacidade de aglutinação - Objetivos comuns 	2
Financeiros	<ul style="list-style-type: none"> - Captação de recursos através da geração de renda via produção - Busca de fontes de financiamento de projetos - Identificação de fontes de financiamento 	3
Tecnológicos	<ul style="list-style-type: none"> - Qualificação e capacitação profissional de organizações - Articulação de conhecimentos e disseminação de informações 	3
Jurídicos	<ul style="list-style-type: none"> - Posicionamento e regularização contratual - OSCIP - Aspectos relacionados à natureza jurídica e a atividade fim da organização 	1
Organizacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Conexão entre os objetivos e as ações individuais e coletivas - Melhora da capacidade de gestão das organizações - Contato com experiências de sucesso na gestão de projetos sociais 	1
Sociais	<ul style="list-style-type: none"> - Criação da imagem da rede social Rio Claro - Confiança, reciprocidade e cooperação entre as organizações. - Manutenção do grupo e ingresso de novos participantes a cada ano 	3

Escala: 1 = fraco; 2= regular; 3= forte

Os recursos institucionais estão relacionados à capacidade de aglutinação e trabalho conjunto entre as organizações que compõe a rede. As organizações já possuem um papel e um trabalho estruturado, mas à medida que trabalha objetivos em comum, constitui um novo formato e uma nova força de articulação institucional.

É uma característica desta rede a dificuldade na busca pelo custeio e financiamento de suas atividades. Em função disso, muitas das preocupações e atividades foram desenvolvidas para auxiliar a busca por recursos financeiros. No período de estudo, nenhuma organização deixou de operar em função da falta de recursos financeiros.

Os recursos tecnológicos foram utilizados em duas perspectivas, a capacitação e qualificação das organizações para a melhoria de seu funcionamento e a disseminação de informações entre os participantes. Conforme descrito no capítulo anterior, existem organizações que trabalham com grandes volumes de atendimentos e que também possuem uma longa vivência e podem ser consideradas referências em assistência social, e por isso, passam a ser fonte de recursos tecnológicos.

As questões organizacionais têm ênfase na melhoria do gerenciamento das organizações, apresentando e tendo como referência o gerenciamento de empresas. O trabalho em função de objetivos aparece como uma grande contribuição, uma vez que a maioria das organizações não possui ações estruturadas de planejamento e gestão.

Os aspectos sociais são os mais evidentes nas entrevistas, pois a formação ou fortalecimento de laços entre organizações aparecem em praticamente todas as considerações.

Além desses aspectos, foi possível perceber que a imagem institucional que foi criada, ou seja, da rede social Rio Claro em nenhum momento das entrevistas e também no cotidiano não conseguiu um descolamento da imagem do Senac, que foi apontado pela maioria como fator de atração para início da participação e também como aspecto de decepção ou insatisfação diante da expectativa entre o que foi efetivamente oferecido e o que era esperado.

O Senac, ao propor um trabalho desta natureza tem um papel esperado pelos participantes que não foi correspondido dentro das expectativas de cada um deles, em função da sua relevância. Quer por falta de destreza na condução do grupo, pela

es e quer pelo próprio papel assumido, a atuação organizacional não pode ser entendida como neutra.

Imaginar que apresentar uma metodologia de organização e criar condições de construção coletiva, com um grupo com as características do que foi montado, não correspondem à realidade. Trabalhar com as organizações sociais, significou, ainda que de forma secundária, trazer para o convívio do grupo os desafios cotidianos vividos por elas, e isto, para que fosse organizado e canalizado em forma de aprendizado e experiência coletiva, levou mais de dois anos para ser feito. Sendo assim, a partir do terceiro ano a rede encontrou, na realização de eventos e projetos o seu elo de ligação e manutenção dos participantes.

Ainda com relação às entrevistas, é possível notar que os envolvidos têm uma ligação muito forte com o objeto de atuação das organizações as que estão ligados, nem tanto pela organização, mas por uma vontade individual de trabalho e desenvolvimento.

3.5 ó Análise complementar com base em WOOLCOCK

Em função do objetivo desta pesquisa, que é o estabelecer uma clara relação entre redes e capital social, na Rede Social Rio Claro, podemos identificar aspectos que indicam a existência de capital social, tanto nas suas diferentes dimensões (enraizamento ou autonomia), como em relação a sua tipificação, institucional, extra-comunitário ou comunitário. A tabela abaixo estabelece uma relação entre esses fatores e as entrevistas.

Tabela 9 ó Tipos de capital social na RSRC

Tipo de capital social	Entrevistas	Dimensão
Capital social institucional	<ul style="list-style-type: none"> - Fortalecer organizações sociais da cidade - Trabalhar em conjunto com organizações sociais - Grande número de organizações sociais da cidade e o interesse de trabalhar com esse público 	Enraizamento

	ncia em educação profissional	
Capital social extra comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco tempo para dedicar aos trabalhos - Coletivo fraco, grupo heterogêneo e com pouca expressão - O que participa a participação é o individual, depois vem o coletivo. - Fazer sozinho parece sempre mais fácil. - Conciliar interesse do conjunto não é fácil - Apoio das organizações é superficial 	Enraizamento autonomia
Capital social comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - Juntar forças e transformar o trabalho com a força do conjunto - Identificar, propor e articular organizações - Trabalho em conjunto possível muita Força 	Enraizamento autonomia

Fonte: elaborado pelo autor

A tabela acima é um exercício de relacionamento e análise entre os destaques das falas dos entrevistados e a matriz de análise elaborada por Woolcock (conforme já citado) para analisar os tipos de dimensões de capital social presentes na RSRC.

Desta forma para que essa análise possa ser feita, parte-se do princípio de que existe capital social na Rede Social Rio Claro. Segundo Castilhos o capital social significa relações sociais institucionalizadas na forma de normas ou de redes sociais. Estas relações sociais são institucionalizadas porque representam acúmulos de práticas culturalmente incorporadas na história das relações de grupos, comunidades ou classe sociais (Castilhos, 2001, apud Moraes, p. 127). Com isso, quando é possível identificar que há uma rede social em formação, é possível afirmar que há a formação de capital social.

A tabela evidencia que estão presentes os três tipos de capital social, sendo que a maior incidência está no capital social institucional, pois além desta rede reunir um grande conjunto de organizações de expressão local, também tem como proposta uma atuação institucional, aglutinando organizações e caminhando em blocos. O capital

em aparece de forma expressiva, pois reúne a maior parte das razões apresentadas pelas organizações para participação na rede. Por outro lado, também expõe a sua fragilidade e a dificuldade de condução estratégica, pois estabelece laços fracos e com uma dicotomia entre a dimensão organizacional e pessoal. Apesar de não receber destaque o capital social comunitário também está presente, pois está associado a ação voluntária e também a composição do grupo. O enraizamento aparece como maior parte das impressões coletadas junto aos entrevistados, sendo que a dimensão de autonomia, não aparece na maior parte das falas, e também não está presente na forma de atuação das organizações. Há uma expectativa do centralizador que com o amadurecimento da rede essa dimensão seja fortalecida.

Para complementar as análises da rede social, foi feito um detalhamento no levantamento de informações junto a uma organização que demonstrou, além de uma presença marcante nas atividades, o maior volume de atendimentos mensais. A intenção deste detalhamento é de estabelecer uma relação entre o desenvolvimento da organização, o desenvolvimento da rede social e o desenvolvimento de capital social como fruto dessa evolução. A organização escolhida foi o Centro de Voluntariado de Rio Claro.

O DE VOLUNTARIADO- HISTÓRIA E

CARACTERIZAÇÃO

Este capítulo dedica-se a demonstrar evidências de cristalização de capital social no CVRC e estabelece relação com a Rede Social Rio Claro.

4.1 ó História e caracterização do CVRC

Para entender o papel e a importância de um centro de voluntariado, segue o quadro síntese, com um breve relato da história do voluntariado no Brasil.

Tabela 10 - Quadro síntese da evolução do Voluntariado no Brasil

Época	Tipo	Cenário	Característica
Século XIX	Voluntariado Benemerente	<ul style="list-style-type: none"> Império e República 	<ul style="list-style-type: none"> Forte presença da mulher Paternalista Moralizador Assistencialista
Década de 30	Voluntariado Enfraquecido	<ul style="list-style-type: none"> Estado Novo Estado de Bem Estar Social Favorecimento do individualismo 	<ul style="list-style-type: none"> Assistencialista Caritativo Esvaziamento das iniciativas voluntárias e associativas
Década de 60/70	Voluntariado Combativo	<ul style="list-style-type: none"> Regime Militar Presença forte do Estado Expansão de sindicatos e movimentos Esforço de conscientização política 	<ul style="list-style-type: none"> Correntes contestatórias Movimentos populares Surgimentos das ONGs
Década de 80	Voluntariado Assistencialista	<ul style="list-style-type: none"> Redemocratização do país Reforma constitucional 	<ul style="list-style-type: none"> Atuação em situações emergenciais Crescimento de ONGs, OSCs e Fundações
Início dos anos 90	Voluntariado	<ul style="list-style-type: none"> Estado Neoliberal Sociedade e Estado co-responsáveis pela questão 	<ul style="list-style-type: none"> Atuação em questões emergenciais

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ social ▪ Pressão para o Estado formular políticas públicas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Betinho - Ação da Cidadania contra a fome e a miséria e pela vida
1996 - 2000	Voluntariado Contemporâneo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estado Neoliberal ▪ Parceria Estado e Sociedade ▪ Programa Voluntário do Conselho da Comunidade Solidária 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Solidariedade e exercício da cidadania ▪ Lei do Voluntário ▪ Qualificação do voluntariado ▪ Parcerias
2001 até hoje		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Campanha Internacional de Reconhecimento e Valorização do Trabalho Voluntário 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho voluntário organizado ▪ Preocupação com resultados ▪ Ampliação de oportunidades de participação

Fonte: Centro de Voluntariado de São Paulo/SP

O centro de voluntariado tem a sua origem dentro de uma perspectiva contemporânea, com uma atuação relacionada à solidariedade, exercício da cidadania, a criação da lei do trabalho voluntário e também a atuação voluntária em uma perspectiva de qualificação e preparação para esse tipo de atividade.

Dentro deste contexto, surge o Centro de Voluntariado de Rio Claro ó CVRC ó com uma história ligada às atividades do Projeto Semente de Adolescentes Voluntários desenvolvido desde 1990, quando um grupo de alunos coordenado por duas psicólogas realizou várias ações na comunidade a partir de conteúdos desenvolvidos em diferentes disciplinas oferecidas pela Escola Semente.

Em 1996, a Escola Semente foi vendida e o grupo, sem interromper suas atividades e liderando a formação de novos grupos, começou a pensar outras formas de se organizar. Em 1999, os adolescentes do Projeto Semente decidiram pela criação de uma ONG (tornada uma OSCIP ó Organização da Sociedade Civil de Interesse Público em 2002), com o objetivo de ampliar o trabalho para fora dos muros escolares. Esta

ção de dar mais credibilidade ao trabalho e encontrar parceiros que pudessem contribuir financeiramente para a continuidade das ações.

Foi fundado, então, o Centro de Voluntariado de Rio Claro, abrindo a possibilidade de se juntar ao Programa Voluntário e participar da rede de Centros de Voluntariado espalhada pelo Brasil e apoiada pelo Conselho da Comunidade Solidária, do Governo Federal. Este Centro, contudo, já nascia com algo especial: ser o primeiro fundado por jovens. O caminho escolhido deveu-se à crença na força da juventude e no entendimento de que o trabalho em rede poderia ser mais significativo e eficiente para a construção das ações pretendidas, principalmente, se fortalecidas as parcerias e a troca de experiências.

O Centro de Voluntariado de Rio Claro desenvolve atividades com ênfase na criança e adolescente, que estão organizados em vários programas.

O Programa de Ampliação dos Espaços de Participação da Juventude está organizado na forma de projetos e atua com um conjunto de frente de trabalho. A frente Semente de Adolescentes Voluntários, é constituída de quatro grupos: òRumoö, òAtitude Conscienteö, òVoz Ativaö e òCriativaçãoö, no qual participam cerca de 80 adolescentes e jovens com idade entre 13 e 21 anos, sendo coordenado por duas psicólogas e quatro jovens coordenadores voluntários, supervisionados semanalmente. Estes grupos planejam, executam e avaliam as ações desenvolvidas na área da juventude. Há uma frente que realiza campanhas de prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, através de eventos planejados e realizados juntamente com o ambulatório de DSTs/AIDS de Rio Claro e o grupo carnavalesco òBanda do Venenoö. Consiste na distribuição de folhetos e preservativos, além de atuação em vários programas de orientação em eventos realizados durante o ano, especialmente durante o Carnaval. Há uma ação que trabalha o dia Global de Voluntariado Jovem, como fomento ao voluntariado jovem nas escolas e instituições, incentivando o exercício da cidadania e o cuidado com o espaço escolar.

O dia da Juventude e dia do Estudante mobilizam jovens de Grêmios Estudantis com o objetivo de valorizar o papel da juventude na solução dos problemas sociais. Evento anual desde 2001.

ável pela coordenação do Encontro Municipal de Adolescentes (EMA), realizado anualmente em parceria com aproximadamente 50 escolas públicas e particulares, instituições e grupos que desenvolvem projetos que atuam com adolescentes no município. Participaram cerca de 400 pessoas. Este evento é desenvolvido nos meses iniciais do ano através de encontros mensais e reuniões das comissões de preparação dos trabalhos. No segundo semestre, durante três dias, adolescentes, educadores e convidados refletem através de oficinas, palestras, grupos de trabalho e muita diversão, sobre o tema do encontro, planejando ações a serem realizadas no seu grupo de origem durante o ano. Evento anual que ocorre desde 1998.

A um dia de Trabalho Pela Cidade, definido no Encontro Municipal de Adolescentes, é uma ação coletiva, efetiva e simbólica, onde os participantes do encontro dedicam um dia para realizarem um trabalho de melhoria de um local público da cidade. Evento anual desde 1998. Ainda nesta linha de ações pontuais, há a campanha do Laço Branco, para mobilização dos homens pelo fim da violência contra as mulheres e o dia Mundial de Luta contra a AIDS.

O projeto bússola elabora um guia de orientação para o adolescente Rio-clarense (2 a. edição). É elaborado e distribuído por adolescentes do CVRC, e contribui para diminuir a vulnerabilidade dos adolescentes e jovens, possibilitando que encontrem alternativas para obter respostas para suas dúvidas. Prioritariamente, são apresentados os serviços públicos disponíveis no município. Essa ação foi premiada, recebendo o prêmio ãJovens Voluntáriosö, promovido pela Fundação Odebrecht, Instituto C&A e Programa Voluntário, no ano de 2002.

Ainda existe a gincana cooperativa temática, que como objetivo o desenvolvimento da cooperação entre as equipes de trabalho voluntário, aprofundando a reflexão e o entendimento de temas relativos à cidadania, através de provas prévias, provas surpresas e jogos cooperativos.

Um segundo programa é de Fortalecimento das Organizações Sociais, aonde existem ações como a participação semanal no telejornal da TV Rio Claro (canal local associado à TV Cultura), apresentando conteúdos referentes ao terceiro setor e às organizações sociais de Rio Claro, e a participação na Rede Social Rio Claro. Ainda

horas, que efetua o cadastramento, capacitação e acompanhamento do trabalho de profissionais liberais voluntários em organizações sociais.

Esta segunda linha de ações já apresentou um conjunto de ações que estão descritas no quadro abaixo:

Tabela 11 - síntese de atividades CVRC ó fortalecimento de redes sociais

Participações	Resultados
<ul style="list-style-type: none"> Participação na organização da Feira do Trabalho Voluntário (Rio Claro - 2001). 	<ul style="list-style-type: none"> Organização do 1o. Seminário Voluntariado no 3o Milênio: Possibilidades e Perspectivas Projeto "Trabalhar Em Rede Rende Mais" aprovado pelo BNDES e a Comunitas Parcerias para o Desenvolvimento Solidário com o objetivo de fomentar uma rede de solidariedade entre Organizações Sociais. Em Rio Claro, o projeto é uma parceria entre o CVRC, o SENAC e o Instituto Estrela da Esperança.
<ul style="list-style-type: none"> Fórum Permanente do Terceiro Setor - Parceria entre o CVRC, Consulado da Mulher, SENAC e Secretaria Municipal de Ação Social, teve o objetivo de manter atualizadas as organizações sociais e a comunidade sobre os temas mais emergentes do Terceiro Setor. Ocorreu mensalmente de Abril de 	<ul style="list-style-type: none"> Capacitação de Coordenadores para Gestão de Voluntários ó Curso para organizações sociais objetivando a implantação de programas de gerenciamento de voluntários.

	<ul style="list-style-type: none">• Catálogo de Oportunidades para o Trabalho Voluntário 6 Edição e publicação que contém uma apresentação da organização social e suas necessidades. Objetiva facilitar a opção de voluntários e possíveis parceiros que estão disponíveis para aquele tipo de trabalho. Primeira edição em 1999 e segunda edição em 2003.

Em uma terceira linha de atuação estão os programas de Responsabilidade Social. Nesta linha o CVRC desenvolve atividades de consultoria, para implantação de projetos de cidadania empresarial para pequenas, médias e grandes empresas. Incluem a identificação do projeto a ser desenvolvido, a sensibilização, a capacitação de funcionários, o acompanhamento e o monitoramento da execução do projeto e avaliação dos resultados; a realização do seminário de Responsabilidade Social, evento anual, que tem o objetivo de refletir sobre o tema da responsabilidade social e divulgar projetos inovadora despertando nas empresas a necessidade de manter projetos na área social, valorizar a cidadania empresarial, além de projetar a empresa na comunidade. É uma parceria entre o CVRC, SESI, SENAC, CIESP, ACIRC e ZP+, dirigido a empresas e instituições da cidade e região; a coordenação na elaboração e monitoramento do Espaço CulturArte, para 900 adolescentes de baixa renda, com oficinas de: Orquestra, teatro, violão, percussão, artes plásticas, dança contemporânea, dança de rua, hip-hop, danças circulares, fotografia, inclusão digital e socioeducativas, que tem o apóia da empresa Owens Corning, através da Lei de Incentivo a Cultura.

CVRC ó ações de responsabilidade social

Participações	Resultados
<ul style="list-style-type: none"> Parceria entre a Multibrás Eletrodomésticos S/A, a Secretaria de Ação Social e o CVRC para gestão de Projeto de Capacitação em Geração de Emprego e Renda para Famílias do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), do Ministério da Previdência Social, nos anos de 2001 a 2003. 	<ul style="list-style-type: none"> Capacitação de Colaboradores Voluntários e Proposta de Atuação Social Corporativa, junto à empresa Comercial Esport Motor de Rio Claro.
	<ul style="list-style-type: none"> Programa de Responsabilidade Social na Escola Nelson Stroili ó Projeto desenvolvido na empresa Brascabos ó Componentes Elétricos e Eletrônicos Ltda. e MERIDIAN do Brasil Ltda. Em funcionamento desde janeiro de 2003, capacitam colaboradores voluntários para atuação social corporativa da empresa.

Há, ainda, uma quarta linha de atuação, focada no programa de Apoio ao Movimento de Adolescentes do Brasil (MAB). O CVRC sedia o Movimento de Adolescentes do Brasil, e além de abrigar a sede atual da entidade, contribui com a eleição de um representante adolescente e um educador e com a indicação da presidência do Conselho Gestor até 2006. O MAB é uma rede formada por grupos de adolescentes, jovens, educadores(as) de diversas áreas de atuação profissional, com a missão de favorecer a intervenção sócio-política e cultural de adolescentes, jovens e educadores na comunidade, comprometidos com a cidadania, através do

programas ou ações locais, regionais, nacionais e/ou internacionais, favorecendo a intervenção sócio-política e cultural na comunidade, através da participação social, nas seguintes áreas: Educação, Arte e Cultura, Esporte, Lazer, Saúde, Sexualidade, Meio Ambiente, Direitos e Valores Humanos, Prevenção ao uso indevido de Drogas, Formulação de Políticas Públicas, dentre outras.

Participam 60 grupos filiados, de 9 Estados brasileiros, mais o Distrito Federal. São Organizações não Governamentais, Programas de Organizações Governamentais e grupos informais, cada um com diferentes estratégias de ação, tendo em comum a crença de que o adolescente é sujeito de transformação social e que, a reflexão transformadora, realizada entre iguais, é mais efetiva e mobilizadora. Esses grupos refletem uma grande diversidade quanto às questões culturais, sócio-econômicas e demográficas. Convivem nessa diversidade: adolescentes indígenas, portadores de necessidades especiais, cantores, ambientalistas, atores, òpolitizadosö, interioranos, metropolitanos, homens e mulheres originários de várias nacionalidades, etc. A troca de experiências e a vivência dessa diversidade possibilitam visualizar a realidade brasileira, no olhar, na fala, nas ações e nos sentimentos desses adolescentes.

Tabela 13 - síntese de atividade CVRC ó apoio ao MAB

Participações	Resultados
<ul style="list-style-type: none"> • Capa da Revista ó Esta revista, escrita por e para adolescentes, traz os relatos e a avaliação quantitativa e qualitativa dos resultados obtidos no Projeto òExperiência Piloto no Estado de São Paulo: MAB na prevenção das DSTs / AIDSö, realizado coletivamente em cinco cidades, no ano de 2001. 	<ul style="list-style-type: none"> • Capa do livro ó Este livro que apresenta teoricamente o posicionamento do MAB nos temas: Direitos Sexuais e Reprodutivos, Cultura de Paz, Valores, além de apresentar a metodologia de organização de atividades, oficinas, eventos e ainda resenha de livros importantes para este tipo de trabalho.

<p>livro relata o referencial teórico do MAB e as atividades realizadas nas 12 cidades que participaram do Projeto ãA PAZ TAMBÉM É A GENTE QUE FAZö, durante o ano de 2001. Este projeto foi realizado com recursos do FNUAP através do Programa Paz nas Escolas do Ministério da Justiça.</p>	
--	--

4.2 ó Projeto Trabalhar em Rede Rende Mais: um divisor de águas na atuação de voluntariado

Este projeto foi desenvolvido no primeiro semestre de 2003 e é considerado pela direção do centro como um divisor de águas de sua atuação junto a comunidade. Conforme segue, após a sua execução é que a atuação do CVRC ganhou os contornos descritos no item anterior.

Projeto teve como objetivo a formação de uma rede de solidariedade na cidade de Rio Claro, e foi desenvolvido em parceria com Senac e o Instituto Estrela da Esperança, com o apoio do BNDES e da Comunitas.

Foi desenvolvida para iniciar na cidade de Rio Claro uma articulação entre as organizações sociais no sentido de aproximá-las e fortalecê-las através da troca de recursos e competências para otimizar os recursos de que dispõe. A sua articulação foi organizada, e tiveram como ponto de partida, os aspectos descritos no quadro abaixo:

e recursos do projeto Trabalho em rede rende mais

Objetivos Específicos	Mês	Indicador	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Articular as organizações sociais, programas governamentais e Conselhos de Assistência Social e dos Direitos da Criança e do Adolescente em rede. 	1	<ul style="list-style-type: none"> Ao final de 3 meses a expectativa é que 40% da organizações sociais, pelo menos um representante da Secretaria Municipal de Ação Social e um representante de cada Conselho envolvido participe da rede. 	<ul style="list-style-type: none"> Reuniões entre os participantes visando a elaboração de plano de ação, apresentação dos atores envolvidos, o levantamento dos pontos em comum e das especificidades, elaboração de formas viáveis de comunicação e articulação em rede.

Ao final do período de sensibilização, 35 organizações sociais haviam sido sensibilizadas e 25 programas governamentais haviam indicado interesse em colaborar com o desenvolvimento do Catálogo de Oportunidades para o Trabalho Voluntário, que viria a se tornar uma das principais ferramentas de trabalho do CVRC.

O catálogo consistia na elaboração de um banco de dados em estavam reunidos dois tipos de informações, as necessidades das organizações sociais e a disposição e competências dos potenciais voluntários.

As informações foram organizadas conforme os quadros a seguir:

Organização Social	Voluntários	Infra-estrutura	Equipamentos
Projeto PAI	<ul style="list-style-type: none"> • Prof. Artesanato • Jardineiro • Monitores • Prof. Informática 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma sala de reforço escolar • Uma sala de artesanato • Material para construção 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma máquina de aparar grama • Uma bateadeira industrial • 1 vaporeto
GAARC	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntários para visitas a famílias carentes 		<ul style="list-style-type: none"> • Cimento • Areia • pedrisco
Lar Espiridito Prado	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntários 		<ul style="list-style-type: none"> • Uma Kombi
Centro Voluntariado	<ul style="list-style-type: none"> • Técnico em Informática • Jardineiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala para cursos (40 pessoas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de som com amplificador
CVV - Centro de Apoio Psicológico Samaritano	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntários para ampliação do horário de atendimento para 24hs 	<ul style="list-style-type: none"> • Reforma do forro e do chão que estão caindo em função dos cupins • Pintura nova 	<ul style="list-style-type: none"> • Um microcomputador com impressora • Uma geladeira e móveis • Um aparelho de som
Soridema	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntários para ficar na sede do Horto em horário combinado, para dar informações, coordenar projetos e outras atividades relacionadas ao meio ambiente e ao Horto Florestal 		<ul style="list-style-type: none"> • Móveis para casa do Horto • Linha telefônica • Carro • Fogão • Microcomputador
Consulado Mulher	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntários 		
Hospedaria Emáus	<ul style="list-style-type: none"> • Terapeuta ocupacional • Recreacionista • Psicólogo • Nutricionista 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de salas para atendimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Microcomputador • Aparelho de fax
Estrela Esperança		<ul style="list-style-type: none"> • Sede própria 	<ul style="list-style-type: none"> • Microcomputadores • Xérox • Forno para cerâmica

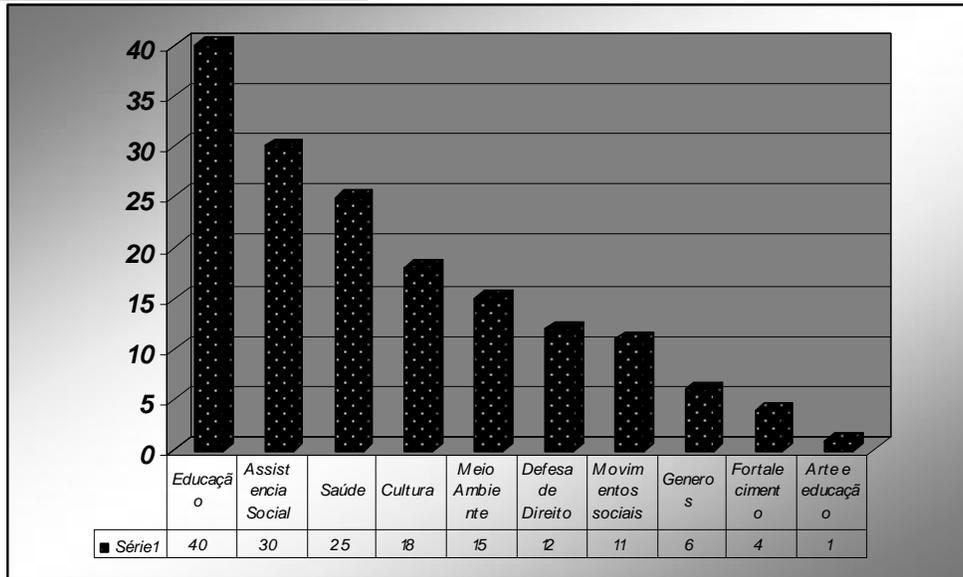
Tabela 16 ó oferta das organizações

Organização Social	Voluntário	Infra-estrutura	Equipamentos
Projeto PAI		<ul style="list-style-type: none"> • Sala de informática com 10 computadores • Campo de futebol, refeitório para 70 pessoas • Cozinha • Biblioteca 	<ul style="list-style-type: none"> • 10 computadores com acesso a internet • Telefone e fax • Livros para pesquisas e jornais
GAARC			<ul style="list-style-type: none"> • Biblioteca • Área de adoção • Orientação psicológica • Alimentos
Lar Espiridião Padro		<ul style="list-style-type: none"> • um salão para 100 pessoas 	
Centro de Voluntariado	<ul style="list-style-type: none"> • adolescentes • educadores • técnico em elaboração de projetos 	<ul style="list-style-type: none"> • sala para 15 pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> • Retroprojetor • Livros do terceiro setor • Computador com internet • Livros de psicologia e pedagogia • Máquina fotográfica • Vídeos educativos • TV e vídeo
CVV ó Posto Samaritano	<ul style="list-style-type: none"> • Voluntários para trabalhos manuais (jantares, chás em conjunto com outras entidades) • Voluntários maiores de 21 anos disponíveis para trabalho de telemarketing. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala com dois lugares para atendimento pessoal • Sala de reunião para 12 pessoas com uma lousa branca e uma pequena cozinha para chá e café 	<ul style="list-style-type: none"> • Máquina de escrever • Tv • Livros de auto-ajuda
Soridema	<ul style="list-style-type: none"> • Professores e pessoal que podem fazer palestras e fornecer informações sobre meio-ambiente, 	<ul style="list-style-type: none"> • Temos a sede, dividida com outras ONGs, na floresta Estadual Navarro de Andrade. O 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • telefone

		ental (recursos murcos, proteção à fauna e flora)	espaço é grande, com quintal, cozinha, salas, banheiros, ideal para encontros e reuniões	
Consulado da Mulher	• Voluntários		<ul style="list-style-type: none"> • Salas para reuniões • Cursos para mulheres (maiores de 16 anos) em diversas áreas: cultura, artesanato, culinária, educação de jovens e adultos, reforço escolar, culinária, trabalho doméstico e informática 	<ul style="list-style-type: none"> • Computadores com acesso a internet • Retroprojetor, Tv e vídeo • Duas mesas de escritório • Cozinha grande
Hospedaria Emáus	• Assessoria em terapia ocupacional		• Salão de festas para 400 pessoas	
Estrela da Esperança	<ul style="list-style-type: none"> • Professores • Coordenador pedagógico • Assistente de direção • Secretária 		• salas de aula	• máquina de escrever

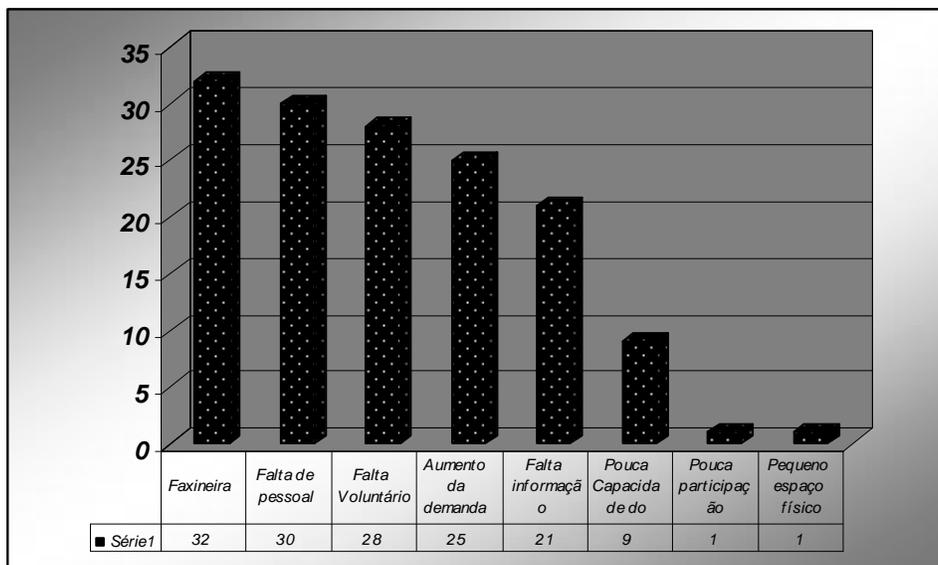
Com base em um banco de dados com esse tipo de informações, com atualização mensal, o centro impulsionou o trabalho de indicação e direcionamento de trabalho voluntário na cidade, tendo aumentado várias vezes a sua capacidade de indicação de voluntários e de atendimento a população em seus projeto, alcançando a marca de 10.000 atendimento ao mês no segundo semestre de 2007.

Em um balanço das organizações que tiveram relacionamento com o CVRC no período de 2003 (início do projeto) até o segundo semestre de 2003, a sua caracterização e necessidades estão sintetizadas nos gráficos a seguir.



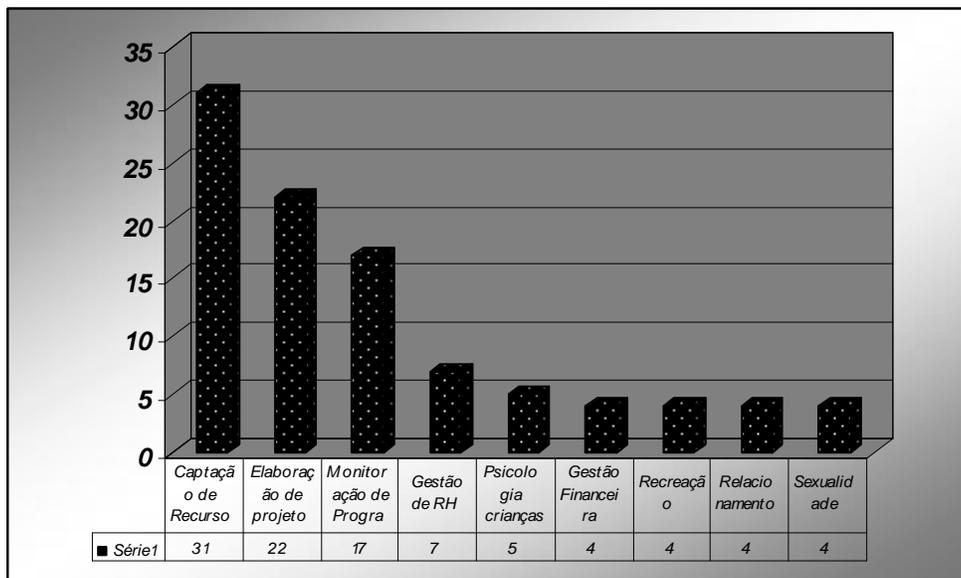
A maioria das organizações tem como atuação principal a educação, seguido de perto por assistência social. Arte e educação e fortalecimento de ONG's possuem um significado relativo pequenos em função do número de organizações, mas ainda assim, respondem por encaminhamentos expressivos.

Gráfico 5 - Principais dificuldades apresentadas



representadas, a maioria está relacionada à manutenção e oferta dos serviços fim das organizações, sendo que apenas uma pequena parcela destaca necessidade de estrutura. Fica evidente que a questão de mão de obra com qualificação, constitui as principais necessidades das organizações sociais.

Gráfico 6 ó necessidades de capacitação mais solicitadas



A necessidade de captação de recursos financeiros aparece destacadamente como a principal preocupação das organizações, seguida por elaboração de projetos que também está diretamente relacionado com a busca de recursos. Logo em seguida aparecem aspectos relacionados ao gerenciamento das organizações, como monitoração dos programas, gestão de recursos humano e financeiro.

A partir dessa caracterização, é possível estabelecer relações e identificar influências entre a ação do CVRC e da Rede Social Rio Claro. Não é possível, de forma evidente, destacar a preponderância de influência, pois há uma forte relação e interligação entre os aspectos trabalhados nas duas redes, a rede de solidariedade e a rede social Rio Claro, mas é possível afirmar que no período estudado, essas duas redes se apoiaram, permitindo o seu crescimento e manutenção. O que significa que há indícios de formação e desenvolvimento de capital social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar o processo de formação e desenvolvimento da RSRC, com o objetivo de estabelecer relações entre o seu desenvolvimento e o processo de formação e capital social.

Os referenciais teóricos baseados nas teorias institucionais e também em redes de recursos de poder se mostraram eficientes para demonstrar o que ocorreu na rede no período estudado. Conforme demonstrado nos capítulos acima a RSRC se caracterizou como uma rede social de poder, e há uma relação explícita entre o seu processo de formação, o capital social existente e o capital social construído, além de uma relação direta com o conceito de desenvolvimento local.

Os capítulos 3 e 4 se encarregaram de apresentar um conjunto amplo de evidências de que houve cristalização de capital social na RSRC, no entanto, muitos outros aspectos que poderiam ser mais bem explorados, não foram abordados nesta pesquisa em função do limite e do recorte teórico escolhido.

A relação entre redes de capital social e uma nova abordagem de desenvolvimento local aparecem como um aspecto interessante de estudos, inclusive como um destaque teórico no capítulo 1, mas que não pode ser verificado o suficiente a ponto de comprovar que uma rede de capital social ou uma rede de recursos de poder são fatores preponderantes para o desenvolvimento de uma localidade.

Outro aspecto que deve ser observado está relacionado à diversidade e complexidade que estão diretamente ligados a análise de uma rede social. Ao contrário de outras áreas do conhecimento não existem metodologias testadas e suficientemente abrangentes que possam servir como referencia sólida para um modelo de análise. Na introdução foram apresentados vários aspectos e ponderações que demonstram e apresentam aspectos que certamente devem ser observados, o que esta pesquisa procurou observar, mas que ainda não dão conta de cobrir todo o espectro de variáveis que estão envolvidas na análise de uma rede. A ausência de modelos por um lado aparece como um desafio conceitual e metodológico de como organizar e que tipo de aspectos considerarem para que a análise de uma rede seja suficiente para sustentar os objetivos da pesquisa, mas por outro lado, se apresenta como um desafio instigante e inspirador para continuidade de estudos relativos a este tema.

rande volume de variáveis que estão envolvidas em uma pesquisa desta natureza apresentam ainda outro aspecto a ser observado que é o desafio de captar metodologicamente as transformações que podem ser observadas no cotidiano da pesquisa. Quando se utiliza a observação participante há a necessidade constante de revisão entre o que está sendo observado e o que deve ser observado, no prisma metodológico do objetivo e do problema de estudo, pois existe um risco recorrente de envolvimento com o objeto a ponto de o pesquisador ter dificuldades em encontrar uma posição de neutralidade que lhe permite acompanhar o estudo e estabelecer uma relação crítica e análise do que ocorre. Certamente, há um enorme volume de informações coletas, observadas, estudadas, sentidas que não estão apresentadas de forma objetiva nos capítulos anteriores, mas que certamente fizeram parte, de alguma forma, do que foi apresentado.

ABRAMOVAY, R. Desenvolvimento e Instituições: a importância da explicação histórica, *in* - ARBIX, Glauco, ZILBOVICIUS, Mauro e ABRAMOVAY, Ricardo, *Razões e ficções do desenvolvimento*. UNESP/EDUSP,2001

ADLER, P. S. & KWON, S-W. (1999), *Social Capital: The Good, the Bad, and the Ugly*, Working Paper. Disponível no site [http:// www.ssrn.com](http://www.ssrn.com).

ABU-EL-HAJ, J. A mobilização do capital social no Brasil. O caso da reforma sanitária no Ceará. São Paulo. Anablume, 1999.

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência. 2 ed. São Paulo, Loyola, 1999.

AMARAL FILHO, J. Desenvolvimento regional endógeno em um ambiente federalista. Planejamento e políticas públicas. Brasília, DF, n.14. p. 36-72, dez.1996.

AMATO NETO, J.: Redes de cooperação produtiva: antecedentes, panorama atual e contribuições para uma política industrial. Tese (Livre Docência) ó Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BARQUERO, A. V. Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização. Porto Alegre: FEE/UFRGS, 2002.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (Comp.) Handbook of theory and research for the sociology of education. New York: Greenwood, 1985.

BURT, R. (1992), Structural Holes. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

& PIRES, L.H.: Redes de pequenas e médias empresas

e desenvolvimento local. Estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência Italiana. Atlas, 1999.

CASAROTTO FILHO, N.E.; CASTRO, J.E.; FIOD NETO, M. & CASAROTTO,

R.: Redes de pequenas empresas: as vantagens competitivas na cadeia de valor.

Anais do Encontro Nacional de Engenharia de Produção. CD-ROM 1998.

CASTILHOS, D. S. B. de. Capital social e políticas públicas: um estudo da linha infraestrutura e serviços aos municípios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. 2001. Dissertação (Mestrado)-UFRGS/IEPE/PGDR, Porto Alegre, 2001.

COLEMAN, John S. Social Capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology, v94, 1998.

CORRÊA, G.N.: Proposta de integração de parceiros na formação e gerência de empresas virtuais. Tese (Doutorado em Engenharia). Escola de Engenharia de São Carlos ó USP, São Carlos, 1999.

COUTINHO, L.G.: A terceira revolução industrial e Tecnológica. Economia e Sociedade, 1. Campinas, Instituto de Economia UNICAMP, 1992.

DA SILVA, M.: Alianças e Redes Organizacionais. Dissertação (Mestrado). PUC, São Paulo, 1994. **DE SOUZA, M.:** Cooperação Inter-empresas e difusão das inovações Organizacionais. SCTDE/ FECAMP/UNICAMP-IE, 1993.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. Les réseaux sociaux: une analyse structurale en sociologie. Paris : Armand Colin, 1994.

DEQUECH, D.(1988). Rationality and Institutions under Uncertainty, Ph. D. Thesis, University of Cambridge, (mimeo).

DiMAGGIO, Paul. Cultural aspects of economic action and organization.

In: FRIEDLAND, R.; ROBERTSON, A. F. (Ed.). Beyond the market place. New York : Aldine de Gruyter, 1990. p. 113-136.

DOSI, G. (1988), Institutions and Markets in a Dynamic World, *The Manchester School of Economic and Social Studies*, Vol. LVI, n2, june.

DOWBOR, Ladislau. O que acontece com o trabalho? São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

DURSTON, John. El capital social campesino en la gestión del desarrollo rural: díadas, equipos, puentes y escaleras. Santiago de Chile : Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2002.

DYER, J. H. & SINGH, H. (1998), "The Relational View: Cooperative Strategy and Sources of Interorganizational Competitive Advantage," *Academy of Management Review*, 23: 660-79.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro : Zahar, 1994

FENSTERSEILER, J.; TIBERGHIEM, R.; DROUVOT, H. & ULHARUZO C.: "O papel das Redes de Cooperação na política tecnológica das pequenas e médias empresas." Anais do 21o. Encontro da ANPAD. Rio das Pedras, Rio de Janeiro, 1995.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 32 ed. São Paulo, Cortez, 1996.

FRANCO, Augusto. Pobreza & Desenvolvimento Local. Arca Sociedade do Conhecimento, Brasília, 2002.

FOCAULT, Michael. Vigiar e Punir. Petrópolis, Vozes, 1989.

de ruptura: A natureza humana e a reconstituição da ordem social. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

GUIMARÃES, Nadya A, MARTIN, Scott (org). Competitividade e desenvolvimento ó atores e instituições locais. Senac São Paulo, 2001.

GLAESER, Edward; LAIBSON, David; SACERDOTE, Bruce. Na economic approach to social capital. Economic Journal, Oxford, v. 112, n. 483, p. 437-458, Nov. 2002.

GRANDORI, A. & SODA, G.: ãInter Firm Networks: Antecedents, Mechanism and Formsö. Organization Studies, 16/2, 1995.

GRANOVETTER, M. (1985), ãEconomic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness,ö American Journal of Sociology, 91: 481-510.

GRANOVETTER, M. (1973), ãThe Strength of Weak Ties,ö American Journal of Sociology, 78: 1360- 1380.

GRAY, B. & WOOD, J. (Ed.): ãCollaborative alliances: Moving from practice to Theoryö. Applied Behavioral Science, vol. 27, number 1 and 2, March/June, 1991.

GREIF, A. (1994), ãCultural Beliefs and the Organization of Society: A Historical and Theoretical Reflection on Collectivist and Individualistic Societies,ö Journal of Political Economy, 102: 912-950.

HAMEL, G. & PRAHALAD, C.K.: Competindo pelo futuro ó estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã. Editora Campus, 1995.

HANNEMAN, Robert A. Introducción a los métodos del análisis de redes sociales. Disponível em: < <http://revista-redes.rediris.es/webredes/>>. Acesso em: 18 out. 2007.

HIGGINS, S. S., Fundamentos Teóricos do Capital Social, Argos, 2005.

HODGSON, G. M. (1993), *Economics and Evolution: Bringing Life Back into Economics*. Cambridge: Polity Press

HOFF, K. & STIGLITZ, J. E. (1993), "Imperfect Information and Rural Credit Markets: Puzzles and Policy Perspectives," in Karla Hoff, Avishay Braverman, & Joseph E. Stiglitz (eds.), *The Economics of Rural Organization*. Cambridge: Oxford University Press.

KNUDSEN, C. (1993), *Modeling Rationality, Institutions and Process in Economic Theory*, In: MÄKI, Uskali; GUSTAFSSON, Bo e KNUDSEN, Christian.(eds.), pp. 265-299, 1993.

LAVILLE, Christian., DIONNE, Jean. A Construção do saber, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.

LEON, M.E.: Uma Análise de Redes de Cooperação das Pequenas e Médias Empresas do Setor das Telecomunicações. Dissertação Mestrado, Engenharia de Produção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Dez., 1998.

LOCKE, Richard M. Confiança e desenvolvimento local. *Econômica*, v3, n2, p.253-281, dezembro de 2001.

MACÍAS, Alejandro García. Redes sociales y clusters empresariales. *Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociais*, v. 1, n. 6, enero 2002. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/html-vol1/vol1_6.htm>. Acesso em: 15 set. 2007.

MACIEL, M. L. O milagre italiano: caos, crise e criatividade. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Brasília, DF: Paralelo 15, 1996.

Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro. São Paulo : FAPESP/Revan, 2000.

MARQUES, Eduardo., TORRES, Helena. São Paulo, segregação, pobreza e desigualdades sociais. Senac São Paulo, 2004.

MARTELETO, Regina Maria. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MANCUR O.: The Logic of Collective Action. Harvard University Press, 1965.

MISOCZKY, M.C., Poder e institucionalismo: uma reflexão crítica sobre as possibilidades de interação paradigmática, ANPAD ó Organizações e Instituições de poder no Brasil, 2001, 143-176.

MONASTÉRIO, L.M. Putnam no Pampa: capital social e a metade do sul do Rio Grande do Sul, Pelotas: UFOPEL, 2000.

MORAES, J.L.A. Capital Social e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional Sustentável, In CORREA, S.M.S, Capital Social e Desenvolvimento Regional, Revista de Ciências e Administração, Vol 9, n2, p. 196-204, dez. 2003.

MORVAN, Y.: Fondements d'conomie Industrielle. 2e. Edition, Paris, Economica, 1991.

MOURA, S. Cidades empreendedoras, cidades democráticas e redes públicas: tendências à renovação na gestão local. 1997. Tese (Doutorado)-NPGA/EAUFBA, Salvador, 1997.

MORIN, E. Ciência com consciência, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

ND SOCIAL FORUM. The policy implications of

social capital. Dublin, 2003. 157 p. (Forum report , n. 28).

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 43, set./dez. 2001.

NORTH, D.C. (1991), *Institutions, Institutional Change and Economic Performance.* Cambridge: Cambridge University Press.

OLSON, M. The Rise and Decline of Nations: Economic Growth, Stagflation, and Social Rigidities. New Haven: Yale University Press, 1982.

PAULILLO, L.F. et al. Reestruturação agroindustrial, políticas públicas e segurança alimentar regional. São Carlos, Edufscar, 2002.

PEJOVICH, S. (1995), *Economic Analysis of Institutions and Systems.* Boston: Kluwer Academics.

PONDÉ, J.L., Instituições e mudança institucional: uma abordagem schumpetiana, Rio de Janeiro, revista economia, julho de 2005.

PORTER, M.: Vantagem Competitiva. Criando e sustentando um desempenho superior. 13 ed., Rio de Janeiro, Campus, 1989 ó 13 ed. 1998.

PORTER, M.: "Clusters e Competitividade". HSM Management, p.100-110, Jul/Ago, 1999.

POWELL, W.: "Neither Market for Hierarchy network forms of organization". Research in Organizational Behavior, v.12, p.295-336, 1990.

PUTNAM, R. D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PUTNAM, R.: Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

RAVIX, J.L.: L'émérgence de la firme et des coopérations inter-firmes dans la théorie de l'organisation Industrielle: Coase et Richardson. Revue d'économia Industrielle, n.5, 1990.

RIBAUT, M.; MARTINET, B. & LEBIDOIS, D.: A gestão das tecnologias. Coleção gestão & inovação. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.

_____; **RIBEIRO, Leila Beatriz.** Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. Revista Informação e Sociedade, João Pessoa, v. 11, n.1, 2001. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/1110103.html>>. Acesso em: 05 jul. 2007.

RICHARDSON, G.B.: The organization of Industry. Economic Journal, September, 1972.

RUTHERFOR, M. (1994), Institutions in Economics: The Old and the New Institutionalism. Cambridge: Cambridge Press.

SAUL, Renato P. As raízes renegadas da teoria do capital humano. Extraído do site Scielo Brazil, acessado em 01/09/2005 ó ISSN 1517-4522

SCHMITZ, H.: Small shoe makers and fordist Giants: Tale of a supercluster. Revista World Development, Elsevier Science Ltd., v.23, n.1, p.9-28, 1995.

SJÖSTRAND, S. E. (1995), *Towards a Theory of Institutional Change*, In: GROENEWEGEN, J.; PITELIS, C. e SJÖSTRAND, S.E. (1995), *On Economics Institutions: Theory and Applications*. Aldeshot: Edward Elgar.

envolvimento regional endógeno, capital social e
cooperação. Disponível em: <<http://nutep.adm.ufrgs.br/pesquisas/desenvolvreg.html>>.
Acesso em: 20 dez. 2002.

UZZI, B. (1997), *“Social Structure and Competition in Interfirm Networks: The Paradox of Embeddedness,”* *Administrative Science Quarterly*, 42: 35-67.

VERRI, F.T.H.: *“Competitividade em redes de empresas que operam por projeto.”* Anais do III Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Industriais. São Paulo, FGV, vol.2, Setembro, 2000.

WATTS, D.J. *Small worlds: the dynamics of networks between order and randomness.* New Jersey : Princeton University, 1999.p. 264.

WILLIAMSON, O.: *Markets and hierarchies: analysis and antitrust implications.* New York, The Free Press, 1985.

WOOD JR, T. & ZUFFO, P.: *“Supply Chain Management.”* *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.38, n.3, p.55-63, Julho/Setembro, 1998.

WOOLCOCK, M. & NARAYAN, D. (1999), *“Social Capital: Implications for Development Theory, Research, and Policy.”* Mimeo (forthcoming in the World Bank Research Observer).

YOGUEL, G. & KANTIS, H.: *Reestructuración Industrial y Eslabonamientos Productivos: El Rol de las pequeñas y Medianas Firmas Subcontratistas.* Buenos Aires, CEPAL, 1990.

Formulário de ficha cadastral utilizada para caracterizar as organizações sociais participantes da rede

CADASTRO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

1 - Identificação da Organização

Nome da Organização:.....
Nome Fantasia:.....
..
Endereço:.....Nº:.....
.....
Complemento:..... Bairro:.....
Distrito:.....
Cidade:.....CEP:.....
.....
Telefone:()Fax:().....
Site:.....E-mail da Organização:.....
Responsável: Nome:.....
Fone:()
E- mail:.....
.....

2 - Caracterização da Organização

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Meio Ambiente | <input type="checkbox"/> Voluntariado |
| <input type="checkbox"/> Crianças e Adolescentes | <input type="checkbox"/> Educação em Geral |
| <input type="checkbox"/> Portadores de Deficiência | <input type="checkbox"/> Educação para o Trabalho |
| (discriminar)..... | <input type="checkbox"/> Outras |

Informações necessários para desenvolvimento da Organização

Apontar ordem de importância ?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Avaliação de Projetos Sociais | <input type="checkbox"/> Captação de Recursos |
| <input type="checkbox"/> Comunicação Social | <input type="checkbox"/> Elaboração de Projetos Sociais |
| <input type="checkbox"/> Gestão de Funcionários | <input type="checkbox"/> Gestão de Parcerias |
| <input type="checkbox"/> Gestão de Voluntariado | <input type="checkbox"/> Gestão de Financeira |
| <input type="checkbox"/> Legislação para o Terceiro Setor | <input type="checkbox"/> Liderança no Terceiro Setor |
| <input type="checkbox"/> Marketing Social | <input type="checkbox"/> Novas Tecnologias (Internet e Informática) |
| <input type="checkbox"/> Desenvolvimento Local | <input type="checkbox"/> Outras |
| (discriminar):..... | |

Dados Descritivos

Breve Histórico - Como Surgiu a Organização

Missão:

Qual trabalho e/ou parcerias podem ser desenvolvidas em conjunto na comunidade ?

Quais as dificuldades e facilidades para desenvolver o seu trabalho ?



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Personagens / Casos de Sucesso



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

do Pontes



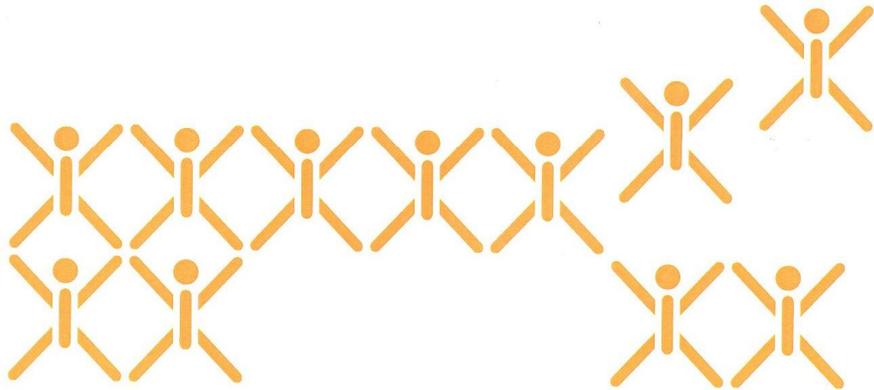
Apresenta



CONSTRUINDO PONTES



CONSTRUINDO PONTES



CONSTRUINDO PONTES

Grupo para elaboração do Projeto

Construindo Pontes

Data	Horário	Pauta
19/05	14:00 as 18:00	<ul style="list-style-type: none"> Reflexão sobre a Idéia de se construir um projeto: dificuldades, pesquisas e compromisso. Levantamento inicial dos locais possíveis para a implantação do projeto
24/05	14:00 as 18:00	<ul style="list-style-type: none"> Primeiro levantamento de dados dos bairros pesquisados: Jardim Guanabara, Jardim Novo Wenzel e Bairro Bom Sucesso. Reflexão sobre o eixo de atuação do projeto e público atendido.
29/05	14:00 as 18:00	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de um roteiro para pesquisa; Pesquisa junto a lideranças, poder público.
05/06	14:00 as 18:00	<ul style="list-style-type: none"> Definição de calendário para novos encontros; Definição dos encaminhamentos para a construção efetiva do projeto.
09/06	14:00 as 18:00	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer os resultados da última visita realizada no Bairro Bom Sucesso e Jardim Novo Wenzel; Definição da metodologia de construção do projeto.
12/06	14:00 as 17:00	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação em power point das estruturas mais conhecidas de projeto; Definição de um modelo não acadêmico; Fechamento de público atendido, título, local e objetivo geral.
23/06	9:30 as 16:00	<ul style="list-style-type: none"> Análise dos conteúdos produzidos no encontro anterior; Alinhamento e ajustes.
28/06	14:00 as 21:00	<ul style="list-style-type: none"> Definição da duração do projeto e tempo e quantidade de oficinas. Definição dos conteúdos transversais
29/06	08:00 as 12:00	<ul style="list-style-type: none"> Início da escrita do projeto
03/07	13:00 as 18:00	<ul style="list-style-type: none"> Finalização da parte escrita do Projeto; Construção do power point para apresentação
06/07	18:30 as 21:00	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação do Projeto Construindo Pontes

to?

A organização em forma de projeto permite a sistematização e organização dos papéis identificados pelas organizações que compõe a rede.

Consideramos que parte essencial da matéria-prima de uma rede está nas relações construídas entre as organizações e pessoas que dela participam. São manifestações invisíveis, porém existentes, onde é necessário produzir ações que traduzam objetivos de mudanças nas práticas sociais. Por isso organizamos este projeto.

Grupo participante na elaboração do Projeto Construindo Pontes

Nome da ONG/ Pessoa	O que oferece
Instituto Consulado da Mulher Lenira e Fabiano	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar profissionais para discussão de temas relacionados a gênero e economia solidária; • Capacitação em gestão administrativa do negócio e formação de preço.
Senac Rio Claro / São Paulo Denise	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar profissionais especializados para atuar no projeto e certificação.
Guida	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitar público atendido na criação e desenvolvimento de produtos; • Mediação junto a profissionais contratados e população atendida; • Captação de recursos junto à iniciativa privada
Clirc ó Centro Literário Rio Claro Pilar	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar profissionais para discussão de temas relacionados ao universo feminino através do teatro, literatura e poesia visual.
Projeto Alimenta Ação Eduardo e Geraldo	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilização de recursos; • Mobilização da comunidade para os projetos; • Articulação junto às lideranças dos Bairros atendidos.
Cidade Saudável Marília	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação junto a mulheres na busca de sua saúde integral (físico, psíquico, espiritual e social).
Norivaldo	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão de temas relacionados ao universo feminino através do cinema; • Fomentação de parcerias junto a Unesp e organizações afins
Lúcia	<ul style="list-style-type: none"> • Design Gráfico
Pastoral da Criança Clélia	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio Logístico

Processo de Pesquisa

O grupo vem trabalhando, conforme relatado no histórico, com uma série de temas e ações desde 2002. No entanto, necessitávamos de algo (a pesquisa) que nos permitisse fundamentar e organizar nossos sonhos, percepções e idéias (Anexo 1).

ismo não seria suficiente para se construir algo sólido e que gerasse transformação social. Sabíamos que um bom projeto precisava levar em consideração o sonho coletivo, as necessidades reais da população e o envolvimento de todos no processo de construção. Ficamos muito preocupados em não repetir um modelo, onde nossos desejos e valores fossem absolutos e determinantes. Começávamos sempre nossos encontros preocupados em como chegaríamos à comunidade. O que era importante para as pessoas que pensávamos em atender. Até onde poderíamos caminhar, e se não estávamos pensando além dos nossos limites. Enfim, tudo se apresentava de modo complexo e envolvente.

A partir dessas reflexões coletivas, partimos para a definição de fontes, pessoas e locais que iríamos contatar. Houve muita motivação e participação.

Acordamos que o projeto teria melhores condições de acontecer, se fosse desenvolvido em um local ou bairro onde já houvesse penetração de pessoas diretamente envolvidas com o grupo e por isso, definimos que seria pesquisado o Bairro Jardim Bom Sucesso e Guanabara.

Para análise de viabilidade e levantamento de necessidades e ações, criamos um roteiro de análise, no qual elencamos os aspectos abaixo, como foco de pesquisa:

- Quais eram as principais lideranças
- Conhecer as principais reivindicações
- Conhecer os projetos que já foram e são desenvolvidos
- Histórico dos bairros
- Vocação dos bairros
- Levantar possíveis parceiros
- Conhecer o orçamento participativo
- Visitar a secretaria de planejamento e desenvolvimento para conhecer os projetos
- Realizar pesquisa junto ao conselho tutelar e delegacia da mulher

busca de informações, ficou decidido que a atuação seria nos Bairros Jardim Bom Sucesso e Novo Wenzel (Anexo 2). Também acordamos que o projeto seria focado em uma iniciativa de economia solidária, já que encontramos um número significativo de mulheres sem trabalho. Descobrimos também, que a maioria das mulheres dos bairros vem de Minas Gerais, de uma cidade conhecida como Monte Azul. Orientamos a pesquisa para o levantamento de informações relacionadas a gênero e atividades artesanais.

A partir deste momento iniciamos atividades de sistematização das informações, pois sentimos que precisávamos começar a escrever, pois somente através disso poderíamos perceber aspectos que ainda não haviam sido pensados. Sabíamos que o projeto não era uma ferramenta engessada e que poderia sofrer algumas mudanças no decorrer do processo de implantação. Tínhamos clareza da necessidade de se despir de preconceitos e valores para realizar uma escuta de qualidade. O desafio estava posto e nós começamos a construir efetivamente o projeto. Foi muito interessante quando uma das pessoas (Lenira) envolvidas no projeto trouxe a necessidade de nos cuidarmos psicologicamente no processo, afinal iríamos nos defrontar com questões muito complexas, e que para tanto, deveríamos estar bem equilibrados. Uma das participantes do projeto é médica (Marília) e desenvolveu uma pesquisa voltada para a saúde integral, o que possibilitou ao grupo uma reflexão muito interessante sobre os limites do projeto, o tamanho das dificuldades que poderíamos enfrentar e os limites da nossa atuação. Enfim colocamos a ão na massaõ e começamos a estruturar o projeto.

Escolhemos a customização de peças de vestuário e acessórios como meio utilizando, também, a literatura e o cinema como ferramentas de provocação para a construção de uma nova possibilidade de re-olhar o cotidiano.

Escolha do Nome do Projeto

Projeto Construindo Pontes (Anexo 3)

É muito reveladora a experiência de construir no coletivo. Certas vezes nos sentimos perdidos e desmotivados, e a vontade de desistir é o que nos move, mas quando estamos no grupo sempre há um que puxa o outro e o chamamento é para persistir e para dizer: ãVamos lá, é possível, precisamos somente organizar melhorõ. E assim voltamos

é importante acreditar que os obstáculos não são tão grandes assim, basta apenas uma pequena ponte para ligar o sonho à realidade.

A ponte viabiliza o transporte das ferramentas necessárias para a construção de um sonho, leva homens e mulheres para outros lugares, possibilitando à mudança de uma extremidade a outra. Enfim, a nossa ponte ou projeto tem a pretensão de ligar mulheres que estão oprimidas e sufocadas para uma outra extremidade do abismo, a extremidade que valoriza e incentiva o protagonismo social feminino.

Detalhamento do Projeto

Objetivo Geral

Promover ações de geração de trabalho e renda através de cursos e oficinas para mulheres dos Bairros Jardim Bom Sucesso e Jardim Novo Wenzel, valorizando e aprimorando suas competências.

Objetivos específicos

- Aumentar a capacidade na inserção profissional de 70% das mulheres atendidas pelo projeto, em 03 meses.
- Valorizar e otimizar as competências em 70% das mulheres participantes, durante todo o projeto.
- Aumentar o interesse das mulheres dos bairros atendidos na procura dos cursos oferecidos pelo projeto, a cada mês, em 20%.

Escolha do Público Alvo

Através de pesquisas e visitas orientadas aos bairros Jardim Bom Sucesso e Jardim Novo Wenzel, constatamos número elevado de mulheres ociosas, vítimas de violência doméstica, sem creches e escolas suficientes para seus filhos. Muitas das mulheres entrevistadas estão sem seus parceiros, já que os homens geralmente trabalham no corte da cana e ao final dela retornam para suas cidades de origem. As mulheres possuem escolaridade muito baixa, são de origem mineira, na sua maioria e, atualmente, sobrevivem de projetos como PETI, Bolsa Família e doação de cestas básicas pelas

...uam na perspectiva de mudança, a maioria deles são muito assistencialistas, o que acaba por alimentar um círculo de pobreza.

Alguns projetos de desenvolvimento não estão atentos a questões como respeito a direitos, saúde e cidadania. Diante dessa realidade de poucas expectativas pensamos no projeto Construindo Pontes, onde a customização de peças de vestuário e acessórios será apenas uma ponte para o desenvolvimento das mulheres do projeto. Teremos mais do que a técnica e a possibilidade de geração de renda e trabalho teremos mulheres ao final do projeto sensibilizadas para a busca de oportunidade, crescimento humano e societário.

Por que a customização?

Cria novas possibilidades de transformação com poucos recursos, potencializando a criatividade, a inovação e a auto-estima. Acreditamos que através da construção e desconstrução das peças poderemos provocar em nosso público a possibilidade de acreditar que mudar é possível, transformar é viável. Ao final de cada peça, poderíamos perceber e questionar como se deu o processo de construção. O que levou a escolha de um determinado material, cor, formato, etc. Como os conteúdos abordados antes da construção da peça possibilitaram o processo de criação. Enfim teríamos um universo de detalhes e dicas para nos aproximarmos de questões delicadas e difíceis, porém de extrema valia.

Conteúdos Programáticos

- Customização: estudo da cor, tipos de materiais, estudo de tecidos, moda e seus estilos e acessórios.
- Gestão do negócio, formação de preços e ponto de venda.
- Gênero, cidadania, saúde e cultura.

Por que escolhemos Bom Sucesso e Jardim Novo Wenzel?

Pela precariedade na sua Infra-estrutura, moradia, intenso tráfico de drogas, falta de projetos direcionados a mulher que trabalhe dentro de uma perspectiva de autonomia.

Mulheres a serem capacitadas pelo projeto piloto.

Crerios de seleo

- Mulheres que no esto inseridas em nenhum grupo de capacitao;
- Mulheres que no esto dentro de projetos governamentais como: PETI (Programa de Erradicao do Trabalho Infantil) e Bolsa Familia;
- Entrevistas individuais (Anexos 4 e 5).

Periodicidade do Projeto

Este projeto piloto acontecer atraves de um curso com duracao de tres meses, duas vezes por semana, com encontros de 2 horas e meia. As segundas e sextas-feiras, das 14h00 as 16h30.

Quando acontecer?

Previsao de Inicio do Projeto: 04 de setembro de 2006

Plano de Acao

A estrategia utilizada pelo grupo para divulgacao do projeto na comunidade sera feita em parceria com a Escola Municipal Luiz Martins Rodrigues Filho, onde o Centro Literario Rio Claro - Clirc ira doar um numero consideravel de livros para a implantacao de uma sala de leitura na escola, ja que nao possui uma biblioteca. Neste evento o projeto tera seu lancamento oficial. A data sera definida pela Diretoria da escola juntamente a equipe do projeto.

Para a implantacao do projeto foram pesquisados varios espacos, entre eles:

- Galpao dos Vicentinos
- Instituicao Adventista (Projeto Pai),
- Escola Municipal
- Usina do Trabalho
- Igreja Luterana



PDF Complete
*Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

quinas de costura, como por exemplo, a Usina do Trabalho e o Galpão dos Vicentinos, porém somente poderemos utilizá-la se obtivermos recursos para o transporte.

Comercialização dos produtos confeccionados

Possibilidades:

- Shopping Center Rio Claro
- Supermercado Compre Bem
- Semearte
- Usina do Trabalho / Instituto Consulado da Mulher
- Espaço Artevida

É importante ressaltar que a Usina do trabalho já dispõe de toda a estrutura para comercialização, precisamos definir a quantidade.

Recursos materiais necessários para implantação do projeto de customização

- Sala ampla com aproximadamente 22 cadeiras
- 01 televisão
- Fita crepe
- Esponja para lavar louça
- Pano de limpeza
- Tinta dimensional ó acrílex (diferentes cores)
- Pincéis Tigre ó ref. 815 nº 10 -14- 24
- Agulha de costura
- Linha para bordar
- Miçangas de várias cores
- Canutilhos várias cores
- Lantejoulas várias cores
- Botões coloridos
- Fitas coloridas
- Retalhos de tecidos coloridos



PDF Complete

Your complimentary use period has ended. Thank you for using PDF Complete.

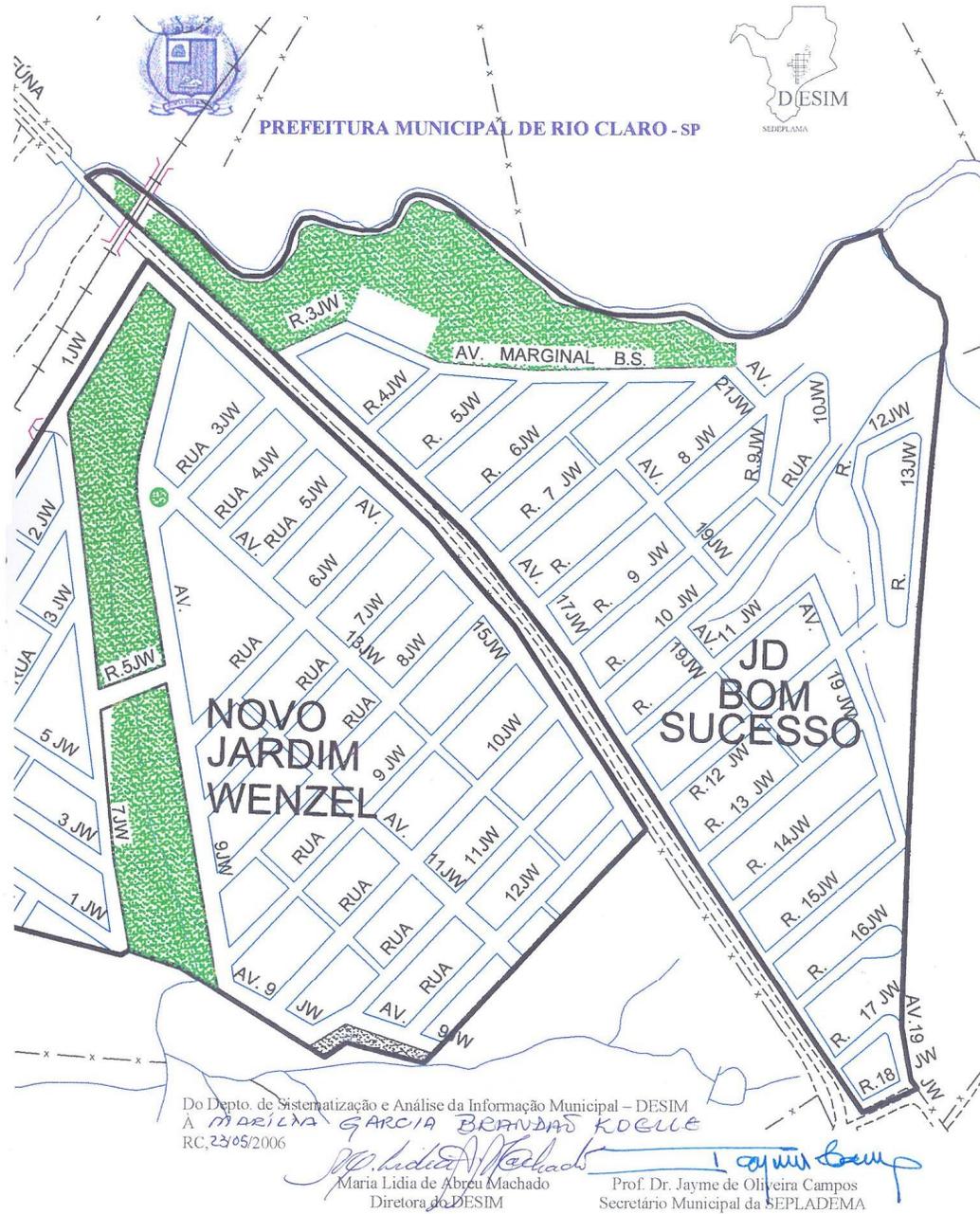
[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

- Tesoura (nº 05)
- Caixa plástica para organização do material
- Recipientes plásticos para colocar os materiais de bordar
- Lixa para os pés
- Alfinetes
- Tinta dimensional para tecido
- Fitas de veludo
- Passamanaria
- Trapos
- Transfer prontos para aplicar
- Ferro de passar

Recursos Humanos

- Profissionais para o desenvolvimento dos conteúdos da customização do Senac/SP
- Profissionais para desenvolver oficinas de literatura, cinema, teatro e poesia (o projeto já dispõe dos profissionais).
- Profissionais para oficinas de saúde, gênero, cidadania e direitos (o projeto já dispõe dos profissionais).

envolvido.



PONTES

Entre a fome e o alimento – o Trabalho;
Entre o anzol e o peixe – a Isca;
Entre o povo e os governantes – as Promessas;
Entre a verdade e a mentira – o Medo;
Entre a paz e as guerras – o Ódio;
Entre o passado e o presente – a História;
Entre a semente e os frutos – as Flores;
Entre o discípulo e o mestre – o Livro;
Entre Deus e a humanidade – a Prece;
Entre a chegada e a festa – a Espera;
Entre o champanhe e o brinde – a Taça;
Entre a valsa e a dança – o Abraço;
Entre a terra e o céu – as Asas;
Entre todas as distâncias – a Palavra...

Extraído de Seleções Reader's Digest – Setembro de 1949.
"Momentos de Reflexão"

